

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DO SWING NA CONJUGALIDADE DE UM CASAL:
ESTUDO DE CASO**

Sónia Rodrigues Bértolo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DO SWING NA CONJUGALIDADE DE UM CASAL:
ESTUDO DE CASO**

Sónia Rodrigues Bértolo

Dissertação, orientada pelo Professor Doutor Luís Miguel Neto

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2009

Resumo

O presente estudo enquadra-se na área da Psicologia da Família, mais especificamente no âmbito da conjugalidade. Pretende-se estudar a relevância da prática do Swing na conjugalidade de um casal, sendo objectivos tentar compreender o processo conjugal da passagem de um casamento exclusivo para um casamento que pratica Swing, e tentar perceber o papel que essa prática tem na conjugalidade do casal. Optou-se por um estudo de caso, com carácter qualitativo do tipo descritivo e exploratório. Relativamente aos instrumentos utilizados para a recolha de dados, escolheu-se a *entrevista semi-estruturada*, com recurso ao *inquérito apreciativo*, tendo como complemento da entrevista materiais escritos pelos entrevistados sobre o tema. Decidiu-se utilizar como análise e discussão dos dados obtidos um modelo usado por Marujo e Neto (2007), baseado nos trabalhos de Gergen e Gergen (2004). Estes autores sustentam a importância de dar atenção a diferentes considerações que geralmente não são atendidas em detrimento da Ciência, tais como as reflexões do investigador e do leitor. Os resultados obtidos parecem ir de encontro à literatura relacionada com este tema. Assim, os dados sugerem que o casal já percepcionava uma relação satisfatória antes de abrirem o casamento, contudo esta satisfação aumentou gradualmente ao longo do processo da entrada do casal no Swing.

Palavras-chave: Casamento Exclusivo, Casamento Aberto, Swing, Conjugalidade e Satisfação Conjugal.

Abstract

The present study framework is the area of Family Psychology, specifically, the conjugality. The aim is to understand the relevance of swing's practice in a couple's conjugal relationship. More specifically is to: try to understand the process of conjugal process of transformation from an exclusive marriage to the practice of Swing, and try to understand the role that this practice has in the couple's conjugal relationship. For this aim, we chose the methodology of case study, with a qualitative approach, of descriptive and exploratory kind. Regarding the instruments used for data collection, we opted for a Semi-Structured Interview based in the Appreciative Inquiry, and to complement the interview, we also used interviewee's written material on the subject. It was decided to use, for data analysis and discussion, a model used by Marujo and Neto (2007) based on the work of Gergen and Gergen (2004). These authors argue the importance of taking into account different considerations that are often not considered in detriment of science, such as researcher and reader's reflections. The results seem to be close to the ones in the literature related to this topic. Thus, the data suggest that the couple already perceived their relationship as satisfactory before opening the marriage, but their satisfaction has increased gradually during the process of Swing.

Keywords: Exclusive Marriage, Open Marriage, Swing, Conjugality and Marital Satisfaction.

Agradecimentos

A tese de mestrado acaba por ser um processo individual e por vezes muito solitário, contudo existem pessoas, que apesar de não serem partes integrantes deste estudo, foram essências para a sua concretização.

Quero agradecer à minha mãe pelos valores que sempre me transmitiu, por ter sido sempre a primeira a acreditar em mim e a demonstrar orgulho nas conquistas que faço dia-a-dia. Sou a pessoa que sou graças a ti e é por tua causa que estou quase a conseguir conquistar este meu sonho.

Um obrigado à minha irmã pela doçura, carinho, preocupação, presença e apoio constantes na minha vida.

Ao Sérgio por ter sido a pessoa que aturou mais de perto as minhas dúvidas, inseguranças, as minhas intermináveis mudanças de humor, o meu desespero e os meus desabafos. Aguentaste-me sempre com um sorriso, um mimo, um carinho e muito amor, fazendo o meu mundo brilhar mesmo nos dias mais enublados.

Ao Casal Sintrense pela constante disponibilidade, simpatia e grande apoio. Sem vocês este trabalho não teria sido possível, muito obrigada.

Aos meus amigos mais chegados, principalmente às minhas meninas, Mafalda, Inês e Susy, pela paciência e compreensão da minha ausência este ano. Pelo vosso apoio, preocupação e presenças constantes.

Ao meu primo e amigo José pela disponibilidade em rever tudo o que escrevi, em discutir comigo as melhores formas de expor os diferentes assuntos e por me fazer rir nas horas tardias de madrugada, quando quase todos estavam a dormir e me sentia mais só.

Aos meus colegas Sistémicos e em particular à minha colega e amiga Joana Ribeiro pelo apoio constante ao longo de todo o Curso, foste amiga, ouvinte e conselheira, foste muitas vezes o meu amparo, a minha bengala, quem puxou por mim e quem esteve sempre ao meu lado ao longo de todos estes anos.

Ao meu Supervisor, Professor Doutor Luís Miguel Neto por ter acreditado desde o início neste trabalho e nas minhas capacidades em concretizá-lo. Pela motivação e apoio que me foi dando, principalmente nas etapas mais difíceis em que eu própria deixava de acreditar.

Ao Professor Doutor Wolfgang Lind por ter sido sempre uma inspiração desde o primeiro ano do meu curso, pela ternura e carinho com que ensina e motiva os alunos a aprender e pelas boas conversas ao longo deste ano.

A todos vocês... O meu muito obrigado por me terem ajudado na conquista de meu sonho de ser Psicóloga...

Índice

Introdução.....	1
1- Enquadramento Teórico.....	2
1.1.- História do Casamento.....	2
1.2.- Sentimento de família e o Ciclo Vital da Família.....	3
1.3.- Satisfação Conjugal.....	6
1.4.- Monogamia e Poligamia.....	8
1.5.- Casamento Aberto.....	8
1.5.1- História do Swing.....	9
1.5.2- Fidelidade sentimental e Fidelidade sexual.....	11
1.5.3- Características dos casais que praticam Swing.....	12
1.5.4- Escala de níveis do Swing.....	12
1.5.5- Revisão de investigação feita sobre o Swing.....	12
2- Investigação Empírica.....	14
2.1.- Finalidade e questões de investigação.....	14
2.2.- Objectivos do trabalho.....	14
2.3.- Tipo de investigação.....	14
2.4.- Participantes do estudo.....	15
2.5.- Instrumentos utilizados.....	16
2.5.1- Entrevista Semi-Estruturada.....	16
2.5.2- Inquérito Apreciativo.....	17
2.5.3- Textos publicados na Internet pelos Entrevistados.....	19
2.6. Elaboração do Guião de Entrevista Semi-Estruturada com recurso ao Inquérito Apreciativo.....	20
2.7. Procedimento.....	22
3- Apresentação e Discussão dos Resultados Obtidos.....	24
4- Conclusão.....	43

5- Limitações do estudo e sugestões para investigações futuras.....	44
6- Referências Bibliográficas.....	46

Anexos

Anexo I- Material escrito pelo Casal

Anexo II- Guião da Entrevista

Anexo III- Protocolo de Apresentação

Anexo IV- Transcrição da Entrevista

Introdução

A relevância da prática do Swing na conjugalidade de um casal é o tema expresso do presente estudo. As relações entre homem e mulher têm mudado mais nos últimos trinta anos do que em toda a história do casamento, havendo assim, presentemente, diferentes configurações matrimoniais e familiares (Coontz, 2005; Perel, 2006/2008). Uma destas novas configurações é a prática do Swing.

O Swing é um exemplo de Casamento Aberto (*Open Marriage*) e traduz-se num comportamento que envolve actividade sexual fora do casamento, com o comum acordo entre o casal (Jenks, 1985). Alguns autores referem que esta prática sempre existiu, e que está relacionada com os instintos e biologia do Homem, contudo a prática em si, como é actualmente conhecida, parece remontar ao século XIX e tem evoluído de forma progressiva e natural até aos dias presentes (SwPlace, 2005; Bergstrand & Williams, 2000).

A presente investigação surge com o objectivo geral de tentar compreender um estilo de vida, o Swing, que começa a ganhar adeptos por todo o Mundo e que é referida por alguns autores como sendo um tipo de casamento que traz mais satisfação conjugal que o casamento exclusivo (Jenks, 1998; Bergstrand & Williams, 2000).

Esta investigação tem como objectivos específicos tentar compreender o processo conjugal da passagem de um casamento exclusivo (*Sexually Exclusive Marriage*) para um casamento em que há prática de Swing, e tentar perceber o papel que essa prática tem na conjugalidade do casal.

Ao serem considerados os objectivos descritos, optou-se por um estudo de caso, com carácter qualitativo do tipo descritivo e exploratório, por se tratar de uma área inovadora, sobre a qual se sabe pouco, por ter a finalidade de tentar compreender o comportamento e as experiências do casal e intentar perceber o processo mediante o qual o casal construiu as suas experiências.

Relativamente aos instrumentos utilizados para a recolha de dados escolheu-se a Entrevista Semi-Estruturada, com recurso ao Inquérito Appreciativo, e como suplemento à entrevista, de forma a poder haver uma maior compreensão holística do casal e da sua relação, utilizaram-se textos publicados na Internet sobre o tema, escritos pelos entrevistados.

O trabalho inclui, assim, cinco partes principais, sendo: 1) o Enquadramento Teórico orientado para a análise dos aspectos teóricos e conceptuais do casamento, da conjugalidade e do Swing; 2) a Investigação Empírica que recai na identificação dos objectivos e da metodologia adoptada; 3) a Apresentação e discussão dos resultados obtidos através dos instrumentos usados no processo de avaliação, relacionando-os com os objectivos propostos; 4) a Apresentação das principais Conclusões, e 5) as Limitações do estudo e sugestões para investigações futuras.

1. Enquadramento Teórico

“O ser humano está cada vez mais à procura da sua liberdade quer mental quer corporal, procurando o prazer e a felicidade, alterando assim em gerações, a forma de lidar com a sexualidade e com o relacionamento amoroso.” (Ribeiro, 2008 p. 9)

1.1. História do Casamento:

O casamento é culturalmente universal e é predominante em todas as sociedades do Mundo (Fisher, 1992). É definido como um acordo entre companheiros a longo termo, que é socialmente aprovado e envolve cooperação económica, social e reprodutiva entre os companheiros (Regan, 2008).

A instituição legal do casamento data já do período pagão, embora a noção de família fosse substancialmente diferente da concepção de família actual.

Em meados de 392, a Igreja conseguiu impor ao Estado a uniformização do enquadramento legal dos laços conjugais, contribuindo para a universalização de uma só forma, monogâmica, de casamento (Dias, 2004; Duby, 1988). Através da Igreja, a sexualidade no interior do casamento começou a ser uma realidade vigiada e sujeita a censura (Dias, 2004).

A industrialização veio contribuir para a modificação da organização familiar. A entrada da mulher no mundo do trabalho promoveu mudanças radicais nas suas funções familiares. Este movimento dá-se em Inglaterra, em meados do século XIX, onde mulheres e crianças contribuíam para a economia da família, produzindo-se modificações estruturais no seio da organização familiar (Ribeiro, Sampaio & Amaral, 1991).

No decurso das duas grandes Guerras, a mulher teve que desempenhar todo o tipo de funções, substituindo o homem, que se encontrava nas frentes de batalha. No pós-guerra as mulheres não voltaram à vida exclusivamente doméstica. Começa então a surgir um aumento de divórcios devido ao stress da vida quotidiana, ao prolongamento da esperança média de vida e às alterações das mentalidades dentro e fora da família. Os alicerces da nova família passam a ser diferentes, privilegiando-se o sentimento de fusão, sendo que o afecto e o amor tornam-se a base das novas uniões. (Ribeiro et al, 1991)

Na actualidade, nas sociedades ocidentais, ainda perdura parte da essência relativamente à mensagem de moralidade e de um conceito de família, mas somos hoje testemunhas do baloiçar deste paradigma, onde as leis tendem a adaptar-se aos novos hábitos, comportamentos e conceitos de família (Dias, 2004). A paixão passou a ser o motivo principal para o casamento, e o sexo um ingrediente fundamental para a vida de um casal feliz (Vaz, 2002). Cessou a obrigatoriedade da subjugação à união enquanto contrato inquebrável, passando o indivíduo a privilegiar a relação que mantém consigo mesmo, com os seus prazeres, felicidade e bem-estar pessoal, originando novos e distintos modelos de relações (Lobato, 2001).

Esta nova forma de vivenciar o matrimónio trouxe alguma instabilidade ao casamento (Coontz, 2005). Embora o casamento e o amor pareçam ser a principal fonte de felicidade individual na vida, em Portugal continua a tendência decrescente no número de casamentos, e o divórcio tem-se tornado um fenómeno demográfico cada vez mais frequente (Narciso & Ribeiro, 2009). São levantadas algumas justificações para cerca de 50% dos casamentos terminarem em divórcio. Fisher (1992) refere que o adultério é a maior causa de divórcios e de violência conjugal na América e noutras sociedades. Contudo, aparecem estudos e opiniões bastante divergentes desta, que sugerem que são os problemas do casamento a promover uma procura, por parte dos cônjuges, de uma ligação mais íntima fora do casamento. O sexo, muitas das vezes, não está na base destes encontros, mas sim a procura de amizade, apoio, compreensão, respeito, carinho e preocupação (Gottman & Silver, 1999/2001). Outras justificações referem-se às expectativas criadas para o amor e para o próprio casamento serem diferentes da realidade (Perel, 2006/2008; Narciso e Ribeiro, 2009).

1.2. Sentimento de Família e o Ciclo Vital da Família

A família, a nível sistémico, é entendida como um todo, um conjunto de pessoas numa teia relacional que os unifica, um sistema. Na qual estão presentes dois aspectos fundamentais: o primeiro, que cada família é única, não há duas famílias iguais; e o segundo, que lhe confere um estatuto de complexidade. Desta forma, e segundo a Teoria Geral dos Sistemas, cada família enquanto sistema é um todo, mas é também parte de outros sistemas, de contextos mais amplos nos quais se integra. Por outro lado, dentro da família existem outras totalidades de menores dimensões (a menor é o indivíduo), designadas de subsistemas, que são, elas próprias, partes do grupo total (Relvas, 2004).

Ao carácter desenvolvimentista de identificação de sequências previsíveis de transformações na organização familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas, dá-se o nome de *ciclo vital*. Ao longo dos tempos surgiram várias classificações e divisões do ciclo vital da família, sendo todas elas constituídas por etapas/estádios.

A primeira etapa do ciclo vital da família consiste na *formação do casal*. A escolha do parceiro é indispensável para o desenvolvimento desta etapa.

Relvas (2004) refere a difícil definição do conceito de casal devido à existência de múltiplas formas na nossa cultura actual, sendo este um traço característico do mesmo. Ao associá-lo ao casamento, este não abarca as uniões de casais que são feitas sem a efectivação do mesmo; pretende-se ligá-lo necessariamente ao género masculino e feminino, não contemplando as uniões homossexuais; deseja-se defini-lo através da duração ilimitada da relação, quando no entanto existem uniões onde os casais fazem “contratos” de suspensão do casamento para uma

redefinição do mesmo; ambiciona-se restringi-lo a duas pessoas, contudo existindo actualmente casais que se envolvem em relações com outros parceiros de forma consentida.

Cada elemento do casal tem uma identidade e uma vida própria, e o casal deve ter presente os conceitos de autonomia, partilha e negociação. O *eu* e o *tu* correspondem aos desejos, necessidades, motivações, comportamentos, aprendizagens, características físicas, cognitivas emocionais e emocionais de cada cônjuge. O *nós* engloba o casal, um *nós* construído por ambos através das suas histórias e características individuais.

Em termos relacionais, a complementaridade torna-se o modelo comunicacional necessário, havendo variações nas posições *one-up* e *one-down*. Dentro desta comunicação, a *simetria* deve também estar presente. Esta permite a cada elemento do casal amplificar as suas semelhanças, o exercício da sua própria individualidade e o treino da competição consigo próprio e com o outro. A *metacomunicação* – comunicar sobre a própria comunicação – no casal é um processo essencial, sendo um elemento necessário na construção e processo de formação do casal, pois esta permite que esclareçam, negociem, ultrapassem conflitos e se liguem. Este processo conduz a uma clarificação e congruência comunicacionais que são elementos fundamentais tanto no decurso da formação do casal, como ao longo de todo o ciclo vital familiar.

A partir do momento em que duas pessoas se transformam num casal, começam a lidar com limites, com o que é permitido e com o que não é. Um limite é a fidelidade. A definição do que constitui adultério varia de cultura para cultura e, dentro da mesma cultura, de pessoa para pessoa (Alberoni, 1996/1999). Durante milénios, as relações sexuais que o marido mantinha fora do casamento não eram consideradas acto de adultério ou de infidelidade, mas os das mulheres eram. Hoje os dois sexos estão equiparados, a frequência das aventuras extraconjugais nos seres humanos não depende tanto do género ou da sua natureza biológica, mas da oportunidade (Gottman & Silver, 1999/2001).

Com o nascimento do primeiro filho, inicia-se uma nova fase de transição da vida do casal, que traz consigo mudanças irreversíveis e duradouras, *família com filhos pequenos*. Passa-se da formação do subsistema anteriormente referido, o conjugal, para um subsistema de parentalidade. Nesta etapa do ciclo vital da família há assim uma mudança fortificante da função conjugal, que traduz a organização da relação marido-esposa, para uma função parental, que consiste na organização das relações pais-filho, desempenhada pelo recém subsistema parental. É uma fase de mudança estrutural, em que o casal sobe na hierarquia geracional, porque surge mais uma geração, e se torna prestador de cuidados, responsável e protector da geração mais nova. (Relvas, 2004).

A chegada do primeiro filho reveste-se de expectativas, mesmo antes do seu nascimento, as quais são muitas vezes românticas e irrealistas, como a de que o novo elemento é um

componente de reforço e estabilização da ligação do casal, o que na maioria dos casos não se verifica. Na realidade o que parece ocorrer é que, mesmo quando a relação conjugal é adequada e estável, ela vai sofrer perturbações e influências concomitantes ao acontecimento, nomeadamente um decréscimo na intimidade e satisfação/qualidade conjugal, por exemplo ao nível das relações sexuais e do tempo e atenção mutuamente disponível entre os membros do casal (Relvas, 2004).

A fase *família com filhos na escola* pode ser vista como a “primeira crise de desmembramento com que a família se confronta, implicando em termos internos a separação e em termos externos o início de uma relação com um sistema novo” (Relvas, 2004, p.114). É o início da autonomização e individualização dos filhos em relação aos pais ou cuidadores, consistindo um desafio para estes, pois não deixando de prestar a sua função de cuidadores e impondo regras e limites, é importante deixar que os filhos se tornem progressivamente mais autónomos, e se desenvolvam como indivíduos (Relvas, 2004).

A fase da *família com filhos adolescentes* é a etapa mais longa e difícil do ciclo vital de uma família, havendo a necessidade de ser definido um novo equilíbrio entre o individual, o familiar e também o social, que se constitui como aspecto determinante do evoluir da família nesta etapa, na medida em que exige um permanente equilíbrio entre as exigências do sistema familiar e as aspirações de cada membro.

Nesta etapa conclui-se o processo de uma lenta maturação que prepara a saída dos filhos do sistema, e a família nuclear prepara-se para regressar a uma fase a dois, diferente da inicial constituição do casal, tendo que aprender a criar novos compromissos, novas simetrias e complementaridades, que deixam de ter a função parental como um dos elementos de triangulação (Alarcão, 2002; Relvas 2004). Tal não é fácil por duas razões fundamentais: por um lado, porque durante muitos anos a função parental teve que sobrepor-se, em situações de conflito, à função conjugal, o que criou regras e hábitos relacionais que têm que ser transformados nesta fase; por outro lado, porque, nesta etapa, a função parental tem que continuar a processar-se de forma efectiva, embora num registo cada vez menos impositivo e mais discreto (Alarcão, 2002).

A etapa *família com filhos adultos* ou *ninho vazio* é um período de grande movimentação familiar, marcado por múltiplas saídas e entradas no sistema, e por transformações relacionais importantes. A família nuclear prepara-se para se transformar em família de origem e criar dois movimentos: de saída dos filhos e de reentrada tanto dos filhos como dos novos parentes, como noras ou genros. (Relvas, 2004)

Para algumas famílias esta fase pode ser uma segunda hipótese para consolidar e melhorar o casamento, sendo que passa a existir mais tempo para eles e mais privacidade, tendendo a

aumentar as manifestações de amor e carinho. Por outro lado, é uma fase em que se podem estipular novas regras e actividades. Para outras famílias o olhar de novo para o seu casamento pode levar a uma disjunção, como o divórcio, ou outros problemas, como o sentimento de vazio. Nestes casos, normalmente, o casal vive em função dos filhos, que foram a força organizadora central para que se mantivesse a relação. A existência de um relacionamento positivo com os filhos adultos e seus cônjuges representa o culminar do processo gradual de aceitação da saída dos filhos de casa (McCullough & Rutenber, 1989).

1.3. Satisfação Conjugal

Paul Jonckheere (2000) refere-se à conjugalidade “para designar a essência do projecto conjugal e nomeadamente a aspiração profunda, aparecida desde há muitos milénios, de realizar uma união duradoura, apoiando-se numa atracção comum, na promessa de fidelidade e de perenidade relativamente ao desejo de fundar uma família” (Narciso & Ribeiro, 2008, p.18)

Os estudos sobre a conjugalidade têm-se focado na satisfação e na qualidade conjugal (Gottman & Notarius, 2002). Estes dois conceitos, embora diferentes, têm sido usados algumas vezes como sinónimos. Segundo Narciso e Ribeiro (2009, p.59) “a qualidade da relação poderá ser definida como o desempenho na e da relação” podendo ser observada a partir de um observador externo à relação. A satisfação conjugal remete a uma avaliação pessoal da relação feita apenas pelos seus cônjuges, sendo que qualidade e satisfação influenciam-se mutuamente.

Definir no que consiste um casamento saudável não é fácil. Whitaker e Bumberry (1990) definem um casamento saudável como uma mistura entre duas culturas estrangeiras. É um esforço para que essas duas culturas se fundam numa nova cultura, mas que ao mesmo tempo seja distinta de ambas, sem reproduzir uma família ou a outra. Uma característica essencial é a satisfação das necessidades emocionais de cada um dos elementos do casal. Em vários estudos nomeados por Barker (1998/2000), as características frequentemente consideradas como importantes são: o compromisso de casamento para a vida, respeito, companheirismo e lealdade pelo cônjuge, Fé em Deus e compromisso espiritual, fortes valores morais partilhados, compromisso de fidelidade sexual, e desejo de ser bom pai/mãe. O autor refere também um estudo de Kaslow e Robison (1996), que menciona os elementos da satisfação conjugal mais referidos pelos sujeitos estudados, como: amor, confiança mútua, respeito mútuo, apoio mútuo, crenças religiosas semelhantes, lealdade e fidelidade, dar e receber mútuos, filosofia de vida semelhante, valorização do divertimento e humor partilhados, interesses partilhados e interesses partilhados com os filhos.

Gottman e Silver (1999/2001) propõem um modelo de sucesso conjugal que privilegia uma visão dialéctica, cruzando vários factores que levam a diferentes níveis de satisfação do casal.

Este modelo permite, assim, distinguir entre casais felizes e casais infelizes. Os casais felizes mantêm uma dinâmica que impede que os sentimentos e pensamentos negativos que têm um pelo outro anulem os sentimentos e pensamentos positivos. Assim, estes casais assentam numa base de positividade em que, para sofrerem uma mudança nesta base, terão que sofrer uma carga mais elevada de negatividade do que outros casais. A esta dinâmica o autor denomina de *casais emocionalmente inteligentes*. Assim, para haver maior probabilidade de um casal continuar junto e feliz, é necessário que estes sejam emocionalmente inteligentes, que haja uma base de amizade e compreensão entre os membros do casal, e que estes tenham respeito e honrem tanto a relação como o outro.

A sexualidade é fundamental para a manutenção de relações apaixonadas, sendo que os problemas de desejo sexual e de intimidade são os mais comuns ao nível da sexualidade do casal. A auto-estima, a comunicação, a expressão verbal e não verbal dos afectos e dos sentimentos, o compromisso e a satisfação conjugal são factores influentes na satisfação sexual (Narciso & Ribeiro, 2009). Assim, a sexualidade é uma parte importante na manutenção de uma relação. As atitudes dos parceiros relativamente à relação sexual, o tempo e a forma da iniciação sexual de cada cônjuge, a quantidade e qualidade sexual, os diferentes tipos de actividades sexuais e a forma como comunicam um com outro as suas necessidades, desejos e preferências tem relevância no nível da satisfação sexual do casal e na relação em geral, estando a satisfação sexual e a satisfação conjugal intimamente ligadas (Regan, 2008).

As dificuldades ao nível da comunicação sobre a sexualidade podem levar à insatisfação sexual, devido à incompreensão dos desejos e necessidades que cada cônjuge tem e à não realização dos mesmos (Narciso & Ribeiro, 2009; Regan 2008). O sexo é a área na vida do casal em que existe um maior embaraço de comunicação, sendo um desafio para muitos casais a comunicação acerca deste tema de forma clara e sincera. Frequentemente, quando marido e mulher dialogam sobre as suas necessidades sexuais, as conversas tendem a ser indirectas, imprecisas e inconclusivas. O objectivo do sexo é o casal sentir-se próximo, íntimo, e cada cônjuge sentir-se satisfeito, retirar prazer e ser apreciado e aceite. Através da comunicação o casal pode perceber o que cada um gosta, o que quer e o que não quer fazer na relação. Sendo a sexualidade maleável, é possível flexibilizar os desejos e as necessidades de cada membro para uma maior satisfação sexual do casal. Embora as fantasias sejam a base da aventura e da variedade no casamento, são poucos os casais que conseguem partilhar as suas fantasias e colocá-las em prática. Quando é conseguido, nota-se um crescimento da intimidade, excitação e romance entre o casal (Gottman & Silver, 1999/2001).

1.4. Monogamia e Poligamia

Os estudos sobre o comportamento humano parecem congregar-se em torno de dois pólos: o da Biologia e o dos estudos culturais. Há grande variedade cultural nas práticas sexuais da nossa espécie, Saraiva (no prelo) dá o exemplo de nas culturas tibetanas se encontrarem todos os sistemas de acasalamento: monogamia, poligínia, poliandria e poliginandria. Sugere, também, que fazendo uma análise estatística, não em número de indivíduos, mas em percentagem de culturas monogâmicas, poligínicas e poliândricas, os números parecem ser claros: apenas 16% das culturas praticam a monogamia em comparação com as 84% que permitem que um homem tenha mais que uma mulher simultaneamente, poligínia (Regan, 2008). Estes resultados também foram obtidos no estudo de 853 culturas feito por Fisher (1992).

Estudos feitos por outros antropólogos, sobre os costumes sexuais e matrimoniais de centenas de sociedades e culturas, chegaram à conclusão de que há na espécie humana uma forte tendência para a monogamia, a exclusividade amorosa e sexual. Contudo existe também, em todas as sociedades, um certo grau de infidelidade conjugal. Subsistem, portanto, duas tendências: o desejo que nos impele para uma pessoa especial, única, com a qual estabelecemos um laço profundo e duradouro, e da qual sentimos ciúmes; e o desejo de exploração que nos impele à procura de encontros eróticos e relações com novas e diferentes pessoas. Os dois impulsos nunca desaparecem, e se num dado momento pode prevalecer o primeiro, logo pode prevalecer o segundo, ou até mesmo os dois em simultâneo (Alberoni, 2005/2007).

Nos últimos 50 anos assistiu-se a uma abertura das mentalidades a novas configurações matrimoniais e familiares: casamentos heterossexuais, homossexuais, ou transexuais, uniões de facto, pais ou mães solteiros, pais adoptivos. Os casamentos sucessivos e famílias misturadas são comuns (Perel, 2006/2008). Com estas diferentes configurações familiares e matrimoniais surgiu o termo *alternative lifestyles* (Rubin, 2001), e, apesar disso, independentemente da elasticidade das atitudes relativamente ao casamento, mantém-se irredutível a perseverança quanto à monogamia. Com poucas excepções, a fronteira que se estabelece à volta da exclusividade sexual mantém-se rígida. Uma das excepções referida na literatura é o casamento aberto (*open marriage*) (Perel, 2006/2008).

1.5. Casamento Aberto

O casamento aberto é definido como um casamento com maior flexibilidade, alta comunicação entre os membros do casal e estilo de vida igual para ambos. Este conceito estendeu-se a *Sexually Open Marriage*, que é definido como um casamento onde existe um acordo explícito que possibilite experiências sexuais com outra pessoa que não o seu cônjuge (Rubin & Adams, 1986; Knapp, 1976; Morgado, 2006), sendo que *Sexually Exclusive Marriage*

refere-se aos casamentos onde existe um acordo explícito ou implícito em que nenhum dos parceiros pode ter relações sexuais fora da relação matrimonial (Rubin & Adams, 1986). Dentro dos casamentos abertos, quando existe um envolvimento sentimental complementar, designa-se *poliamor* (Morgado, 2006).

O Swing, objecto de estudo desta investigação, é um exemplo de casamento aberto e é definido como uma forma de actividade sexual, tendo como base casais, mas não se limitando a eles. Traduz-se num comportamento que envolve relações sexuais fora do casamento, com comum acordo entre o casal (Jenks, 1985; Bergstrand & Williams, 2000). Ambos os parceiros podem entrar neste comportamento na mesma altura, normalmente no mesmo local, com os mesmos ou diferentes parceiros. Satisfazem os seus desejos de variadas formas, podendo configurar trios, casal com casal, havendo troca de parceiros ou não, e sexo em grupo (Morgado, 2006). Não existe consenso em relação à abrangência do termo *swinger*. Uma corrente afirma que Swing é uma vasta área de comportamentos sexuais que envolvem três ou mais pessoas, outras fazem a dissociação e separação, e afirmam que Swing é apenas uma relação – sexual ou não – entre casais. Tipicamente considera-se Swing quando um casal inclui um ou mais elementos numa relação sexual (*SwingersPortugal*, 2005).

Existem vários tipos de prática de Swing: o *voyeurismo*, em que o casal limita-se a ver os outros casais a ter relações sexuais; o *soft swing*, em que existe troca de casais sem a existência de relações sexuais; e o *full swap*, em que existe a troca de casais e relações sexuais (Morgado, 2006).

1.5.1. História do Swing

Não existe um momento consensual que identifique o início desta prática. Alguns autores referem que o início das actividades *swingers* remonta ao tempo dos romanos, outras opiniões narram que este comportamento liberal já existia na Grécia clássica, outros ainda afirmam que será um comportamento natural do ser humano, que ao longo do tempo foi reprimido por regras sociais e religiosas (SwPlace, 2005).

O Swing, que ao longo do tempo assumiu várias formas e nomes, nos tempos modernos parece ter ressurgido de forma progressiva e natural através do movimento que se iniciou no século XIX de “amor livre”. Este movimento continuou a ganhar forma durante o século XX, existindo festas onde os indivíduos praticavam actividades sexuais de forma aberta (Bergstrand & Williams, 2000).

Nos anos 50 e 60, o Swing era conhecido por *wife swapping* (troca de mulheres). Os meios de comunicação reportaram o fenómeno nas bases militares da Califórnia, onde os casais se juntavam nos *key clubs*. Esta designação foi atribuída pelo facto de nesses clubes os homens

atirarem chaves para uma pilha, de onde as mulheres ao acaso retiravam uma chave. Seria com o dono dessa chave que a mulher passaria a noite (Morgado, 2006; Sw-Team, 2009).

O termo Swing começou a ser utilizado na década de 70. Aparece proferida, neste contexto, por um Pastor da Igreja declarando que havia gente estranha que se balançava (*Swinging*) de cama em cama como macacos. Também se justificou esta alteração pelo conceito anterior dar uma possível conotação de que as esposas não tinham escolha, e era uma troca feita pelo marido e não de comum acordo entre o casal (Morgado, 2006).

Na década de 80 surgiu um novo termo, *the lifestyle*, com o objectivo de deslocar o estereótipo negativo que se foi formando através dos meios de comunicação.

Actualmente, nos Estados Unidos, estima-se haver 5 milhões de *swingers* activos. Os números na Europa são mais difíceis de contabilizar, embora seja o continente com mais clubes de Swing. Bélgica, por exemplo, com uma população próxima à de Portugal, tem mais de 50 clubes. O grande motor deste incremento e responsável por esta – já não tão pequena – revolução social é a Internet e a facilidade com que esta permite aos casais *swingers* comunicar, e aos que ainda não o são, rapidamente encontrarem um casal, ou alguém disposto a iniciá-los (Morgado, 2006).

O Swing é um fenómeno presente em Portugal há muitos anos. Segundo algumas referências, esta prática iniciou-se no Norte de Portugal na década de 60 com um casal *swinger*, em que o marido era imigrante nos Estados Unidos da América e retorna ao país de origem com a sua esposa. Tornaram-se amigos de dois casais, com os quais passaram a conviver, e criaram laços de amizade, que conduziram a um crescimento da intimidade, e começaram a fazer trocas entre os membros dos casais, por recreação. O número de casais envolvidos nesta prática foi aumentando, abrangendo engenheiros, advogados, comerciantes, construtores e doutores. Paralelamente, a crescente demonstração pública de desaprovação, resultante do preconceito contra esta prática, acabou por provocar o desmembramento de algumas relações.

Alguns anos antes do 25 de Abril de 1974, não se sabendo precisar quando, estes grupos estenderam-se para o sul do país. Os primeiros pensa-se terem surgido nas zonas do Estoril e Sintra, com casais provenientes do Norte.

Anos após o 25 de Abril, o Swing estava mais desenvolvido, sendo a caracterização destes casais essencialmente da classe média-alta. Actualmente estima-se que os seus elementos vão dos simples trabalhadores por conta de outrem às mais elevadas carreiras profissionais (SwPlace, 2005).

Um estudo desenvolvido por José Cadima, médico especialista em sexologia, intitulado *Estudo do Modo de Vida Swinger em Portugal*, datado de 2003, concluiu que a troca de casais está a aumentar em Portugal, revelando os *swingers* como os casais com mais satisfação

conjugal. O estudo caracterizou os casais *swingers* como sendo mais velhos que os indivíduos sexualmente fiéis, usarem mais eficazmente fantasias sexuais, referirem menos sentimentos de ciúme e terem durações maiores dos seus casamentos. Segundo o mesmo estudo, o primeiro passo para a troca de casais é essencialmente masculino e, quanto à avaliação da qualidade do casamento antes de terem iniciado a prática do Swing, a maioria (44,2%) dos casais *swingers* avaliaram-no como de qualidade média, 28,8% como excelente, 25% acima da média e 1,9% abaixo da média. Como razões predominantes para manterem um casamento aberto, foram referidas: tornar mais tolerável um casamento insatisfatório, aumentar a satisfação de um casamento já satisfatório e seguir uma opção filosófica (SwigersPortugal, 2006).

1.5.2. Fidelidade sentimental e Fidelidade sexual

Os casais *swingers* distinguem dois tipos de fidelidade: a fidelidade sentimental, que garante o amor entre duas pessoas e que representa o compromisso espiritual entre elas; e a fidelidade sexual, aquela que garante um compromisso físico, é a garantia de que uma pessoa não se envolverá sexualmente com outra pessoa (Morgado, 2006; Visser & McDonald, 2007).

A infidelidade sexual, tanto a nível social como a nível religioso, está associada à infidelidade sentimental (Morgado, 2006).

Os casais *swinger* fazem esta distinção dando uma importância e primazia maior à fidelidade sentimental, dizendo-se assim monogâmicos a nível sentimental/espiritual e poligâmicos a nível sexual. Além disso, os casais tendem a desenvolver determinadas regras com o intuito de proteger a relação e prevenir o ciúme. As regras mais comuns incluem: lealdade física e emocional para com a relação; restrição nas relações extraconjugais, sem consentimento; não envolvimento sentimental com outros parceiros; e honestidade. Estas regras permitem aos casais regularem o ciúme que admitem sentir (Visser & McDonald, 2007). Segundo Ritchie e Barker (citado por Visser & McDonald, 2007), as diferentes formas de relacionamento existentes actualmente têm exigido o reescrever de algumas emoções, por serem vivenciadas e experienciadas de forma diferente do que acontece nas relações monogâmicas. Na investigação destes autores, em entrevistas feitas aos casais, o termo *frisson* (sensação de excitação) surgiu como substituição do termo *ciúme*. Segundo Morgado (2006), o termo *ciúme* tem sido substituído por *anti-ciúme*, pelos casais praticantes de Swing, em Portugal. A adopção deste termo pretende suprir uma conotação negativa, habitualmente associada ao termo *ciúme*, com a qual o *swinger* não concorda, por ver no ciúme (ou *anti-ciúme*) um possível catalisador para a relação.

1.5.3. Características dos casais que praticam Swing

Segundo Morgado (2006), existem certas características necessárias a um casal para a prática do Swing, pois este estilo de vida não se adapta a toda a gente. Segundo o mesmo autor, o Swing não transforma um mau casamento num bom casamento. Assim, as características mais referidas como essenciais para um casal se tornar *swinger* sem consequências negativas são: baixo grau de ciúmes; gosto pela relação sexual e abertura à experimentação de novas práticas sexuais; a existência de amor no casamento, por a evolução e a descoberta serem feitas em conjunto; capacidade de distinguir os conceitos de fidelidade sexual e fidelidade sentimental; forte ligação emocional entre o casal; a existência de uma abertura comunicacional; o diálogo acerca das expectativas, e o estabelecimento das regras dentro de cujos limites o casal terá que proceder; e a necessidade de que ambos tenham predisposição *swinger*.

1.5.4. Escala de níveis do Swing

Morgado (2006) distingue uma escala de níveis, denominada *Escala de Dionísio*, que reflecte as etapas pelas quais os casais passam quando iniciam o Swing: no nível 1, o casal tem prazer em partilhar a sua sexualidade à distância – através do telefone, e-mail ou webcam; no nível 2, o casal envolve-se com um *single*, geralmente uma mulher; no nível 3, o casal gosta de observar uma cena de sexo, ou ser visto; no nível 4, o casal interage com outro casal ou *single*, tendo em conta um conjunto de regras e limites preestabelecidos, geralmente iniciam-se no *soft swing*; no nível 5, o casal faz troca completa de parceiros, *full swap*, com um/a *single*. Pode, ou não, ser estabelecido um conjunto de regras e limites, o casal está normalmente sempre junto e a partilha é equitativa; no nível 6, o casal partilha totalmente a sua sexualidade com outro casal ou *single*, sem quaisquer limites – o casal pode nem sempre estar junto, as partilhas podem não ser equitativas ou ser apenas de um deles.

Os níveis não são estanques e muitos casais podem encontrar-se entre níveis, ou num, mas tendo particularidades de outro. Também estes níveis não são necessariamente estágios de evolução. Podem ser, e tendencialmente são, mas há casais que se mantêm num nível que os satisfaz, não sentindo necessidade de passar para outro.

1.5.5. Revisão de investigação feita sobre o Swing

Desde a década de 70 até à actualidade, as investigações feitas sobre este estilo de vida têm demonstrado que os casais *swingers* são na sua maioria da classe média alta, brancos e casados, com idades que variam entre os 36 e os 55 anos. A maior parte dos casais tem uma educação acima da média, sendo a maior parte licenciados (Bergstrans & Williams, 2000; Biblarz & Biblarz, 1980; Jenks 1985; Jenks, 1998; Rubin, 2001). Contudo, nos últimos estudos tem-se

verificado uma maior heterogeneidade ao nível das habilitações escolares, ao nível do estrato sócio-económico, ao nível dos diferentes empregos dos casais, parecendo não haver diferenças significativas entre os casais *swingers* e o resto da população (Bergstrans & Williams, 2000; Jenks, 1998).

As principais razões dadas pelos casais para praticarem Swing foram: a variedade de experiências e parceiros sexuais; a oportunidade de participar num estilo de vida desviante, de forma a desafiar as normas da sociedade; prazer na observação do parceiro durante práticas sexuais com outra pessoa; a possibilidade de conhecer pessoas novas; a observação de outros casais, de forma a potenciar a apreensão de novas técnicas e a perda de certas inibições sexuais; a recuperação da juventude perdida; aumento do ego e auto-estima; possibilidade de se sentir atractivo e desejado; e aumento do interesse pelo parceiro (Jenks, 1998).

Nas investigações decorrentes sobre o Swing, chegaram-se a consequências tanto negativas como positivas para esta prática. Bartell e Denfeld (citado por Biblarz & Biblarz, 1980) chegaram a consequências negativas a partir da entrevista de casais que experimentaram e desistiram desta prática, sendo que as razões apontadas por eles foram: a presença de ciúmes experienciada, especialmente pelos maridos; o desapontamento por as suas expectativas e fantasias iniciais não se terem verificado; a consideração de que o Swing teria sido vivenciado de forma pouco emocional, mecânica e aborrecida; perda de identidade; ruptura com o prazer sexual; medo da descoberta do estilo de vida adoptado; medo de doenças sexualmente transmissíveis; e medo da rejeição.

As razões de *dropout* no Swing foram também estudadas por Jenks (1998), através de questionários feitos a terapeutas que acompanharam casais *ex-swingers*. O autor referiu a dificuldade em aceder a casais *ex-swingers*, devido ao anonimato que estes mantêm, assim as principais razões recolhidas foram: o ciúme; a culpa; ameaça ao casamento; desenvolvimento de ligações emocionais; tédio em relação ao estilo de vida; desapontamento em relação ao Swing; divórcio; medo de serem descobertos; e a incapacidade da mulher de viver esta prática. Contudo, a investigação tem mostrado que não existe significância estatística na percentagem de divórcios que ocorrem nos casamentos abertos, em comparação com os casamentos com sexualidade exclusiva (Rubin & Adams, 1986).

Foram apontadas, como já referido, em vários estudos, consequências positivas para os casais, sendo estas apontadas com maior frequência do que as consequências negativas. O aumento do interesse e excitação sexual desenvolvido pelos parceiros foi o efeito mais apontado pelos casais. A maior comunicação, honestidade e afeição entre os cônjuges, depois de iniciarem a prática do Swing, também foram das consequências positivas mais apontadas pelos casais (Biblarz & Biblarz, 1980). Promove na relação uma forte união emocional, uma confiança de

fidelidade sentimental e uma maior convivência. Um casal, ao falar abertamente das suas fantasias, desejos e vontades, parece diminuir a tentação de infidelidade, bem como o remorso e a culpa (Morgado, 2006). A maior satisfação conjugal e maior satisfação sexual do casal também são apontados por Jenks (1998) e Bergstrand e Williams (2000).

2. Investigação Empírica

2.1. Finalidade e questões de investigação

Com base na revisão da literatura realizada sobre o tema, pretendeu-se responder à principal questão de investigação, que se prende com o facto de perceber a relevância da prática do Swing na conjugalidade de um casal português.

2.2. Objectivos do trabalho

Este estudo tem como principais objectivos específicos: tentar compreender o processo conjugal da passagem de um casamento exclusivo para um casamento em que há prática de Swing, e tentar perceber o papel que essa prática tem na conjugalidade do casal.

2.3. Tipo de investigação

Optou-se por um estudo de caso, com carácter qualitativo do tipo descritivo e exploratório, visando a questão e os objectivos da investigação propostos.

Descrever e caracterizar estudos de caso não é fácil, pois eles são usados de modos diferentes, com abordagens qualitativas e/ou quantitativas tanto na prática educacional como na modalidade de investigação (Ventura, 2007). Contudo, segundo Stake (1995), o objectivo de um estudo de caso é particularizar e não generalizar, é compreender aquele fenómeno, sujeito, grupo de sujeitos, não através da comparação com outros, mas compreendendo o caso em si, perceber a sua unicidade e a sua complexidade. E segundo Bogdan e Biklen (1991/1994), uma descrição de algo particular tem valor, porque as teorias necessitam saber explicar todos os acontecimentos.

Decidiu-se por uma investigação de carácter qualitativo pelo facto de um estudo qualitativo ser pertinente no caso de se tratar de uma área na qual se sabe pouco. Neste tipo de investigação o investigador é o instrumento principal, o seu maior interesse é o processo e não simplesmente os resultados. O significado é de grande importância para o investigador, que está interessado na forma como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas, tendo a preocupação de se asseverar de que está a apreender as diferentes perspectivas dos participantes. Os objectivos dos estudos qualitativos são melhor compreender o comportamento e as experiências dos sujeitos, tentar perceber o processo mediante o qual as pessoas constroem significados, descrever em que

consistem esses mesmos significados e tentar de forma humilde contribuir para as condições de vida dos sujeitos (Bogdan & Biklen, 1991/1994).

Do tipo descritivo, porque pretende documentar e descrever um fenómeno de forma minuciosa tendo a visão de que nada é trivial, e que tudo tem potencial para constituir uma pista que permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do objecto de estudo (Bogdan & Biklen, 1991/1994), neste caso, descrever a percepção que um casal tem sobre o processo conjugal da passagem de um casamento exclusivo (*Sexually Exclusive Marriage*) para um casamento que pratica Swing, e tentar perceber o papel que a prática do Swing teve na conjugalidade do casal.

Do tipo exploratório, porque se propõe investigar um fenómeno pouco compreendido e explorado (Marshall & Rossman, 2006), tendo a função de gerar hipóteses e construir teorias (Bogdan & Biklen, 1991/1994). Na medida em que se conhecem poucas investigações nacionais relacionadas com este tema, e ao nível internacional as investigações realizadas são sobretudo de índole quantitativa, pretende-se, com este trabalho, dar os primeiros passos de investigação científica ao nível nacional, na exploração desta temática, e a criação de possíveis fios condutores para novas investigações.

2.4. Participantes do estudo

Com o objectivo de estudar uma unidade, bem delimitada e contextualizada, com a preocupação de não analisar apenas o caso em si, mas também o que ele representa dentro do todo, como é característico dos estudos de caso (Ventura, 2007), esta investigação teve como participantes apenas um casal.

A escolha do casal foi realizada através de uma amostragem não probabilística, não intencional, por critério de conveniência, de acessibilidade e de obtenção da cooperação dos participantes envolvidos. Neste tipo de amostragem não é possível especificar a probabilidade dos elementos da população pertencerem à amostra (Robson, 2002).

O contacto inicial deu-se através da inscrição do investigador num *site* português dedicado ao tema do Swing. Para a inscrição nesse *site* ser aceite, havia a necessidade do investigador ser submetido a uma entrevista via internet pelos administradores. Nessa entrevista, o investigador teve a oportunidade de explicar, de forma simplificada, o objectivo do estudo e os princípios éticos inerentes ao trabalho de campo. O administrador do site disponibilizou-se então para ser, juntamente com a cónjuge, objecto do presente estudo.

Relativamente à caracterização do casal, poderá ser dito que reside em Sintra, que estão casados há 26 anos e têm quatro filhos, não tendo sido especificado a idade dos mesmos por opção do casal, contudo referiram que os filhos actualmente já estão criados, embora ainda

vivam com o casal, assim parece que esta família se encontra entre as fases de família com filhos adolescentes e de família com filhos adultos do ciclo vital da família. M tem 45 anos e F tem 47 anos de idade. Praticam Swing há 17 anos.

2.5. Instrumentos utilizados

Como método de recolha de dados, escolheu-se a *entrevista semi-estruturada* com recurso ao *Inquérito Apreciativo* (IA) desenvolvido por Cooperrider e Suresh Srivastva (Cooperrider & Srivastva, 1987). Utilizou-se ainda, como apoio de recolha de dados, textos publicados na Internet sobre o tema, escritos pelos entrevistados, com o intuito de recolher informações complementares à entrevista realizada, e partindo-se da questão em estudo, bem como dos objectivos pré-estabelecidos.

2.5.1. Entrevista Semi-Estruturada

A entrevista semi-estruturada pareceu ser a melhor opção para a recolha empírica. Este tipo de entrevista pressupõe que o entrevistador tenha um esquema prévio das questões a colocar, não tendo, no entanto, a pretensão de as colocar na ordem pré-estabelecida ou de acordo com uma formulação pré-determinada. Este instrumento parece ser a técnica que melhor se adequa a este tipo de estudo exploratório, uma vez que as entrevistas se assemelham a conversas entre dois confidentes, mais que de uma sessão formal de perguntas e respostas entre investigador e sujeito, com o interesse em perceber o modo como as pessoas pensam as suas vidas, experiências e situações particulares (Bogdan & Biklen, 1991/1994). Segundo Bogdan e Biklen (1991/1994), esta parece ser a única maneira de captar o verdadeiramente importante do ponto de vista do sujeito.

A maior parte das entrevistas começam por uma conversa banal, de forma a potenciar a construção de uma relação (Bogdan & Biklen, 1991/1994), e se criar um bom ambiente – fase de abertura (Lind, 2008). Nesta fase, tenta-se informar os sujeitos do objectivo do estudo, bem como se garante a confidencialidade e anonimato dos dados pessoais dos intervenientes. Pode também ser um momento de esclarecimento de dúvidas e de encorajamento e apoio por parte do investigador aos participantes (Bogdan & Biklen, 1991/1994).

A introdução ao tema é a fase seguinte da entrevista. As perguntas começam por ser mais gerais com o objectivo de começar a introduzir o tema da entrevista e adquirir informações gerais sobre as ideias que os sujeitos têm sobre a temática em estudo (Lind, 2008). Ao longo da entrevista, as perguntas começam-se a afunilar, passando a ser mais direccionadas para o tema e os objectivos concretos do estudo (Bogdan & Biklen, 1991/1994; Lind, 2008). A entrevista

termina com a conclusão, em que são pedidas, geralmente, reflexões finais sobre a entrevista e a temática em estudo (Bogdan & Biklen, 1991/1994).

No presente estudo optou-se por se fazer a entrevista do casal em conjunto. Importa considerar que embora algumas experiências sejam vividas da mesma forma por ambos os elementos do casal, outras experiências poderão não o ser, pelo que, na entrevista, as respostas poderão ter sido traduzidas numa só, a *do casal* (Thomson, 1991).

2.5.2. Inquérito Apreciativo

O IA foi desenvolvido por David Cooperrider e Suresh Srivastva, e é um processo que se baseia, sobretudo, na narrativa, que integra metodologias de impulso à mudança em larga escala, pretendendo inspirar o envolvimento dos intervenientes na construção do futuro, com descoberta e potenciação de forças e recurso (Cooperrider & Whitney, 2005). O IA é, assim, um processo de investigação/acção cujo objectivo é gerar novas teorias, ideias e imagens que contribuem para a mudança sustentada, positiva e auto-determinada pelos participantes de um sistema, sendo uma forma de construção social na acção (Neto, 2008; Reed, 2007).

É uma abordagem que se foca na compreensão das relações, das experiências e das pessoas, através da exploração de conquistas. Ao se identificarem e explorarem estratégias, contextos, experiências em que obtiveram sucesso, permite-se que as mesmas possam ser replicadas e adaptadas, promovendo deste modo experiências e comportamentos de êxito (Reed, 2007). Não ignorando que em qualquer experiência humana existem aspectos mais e menos bons, o facilitador do processo de mudança orientado segundo o IA irá sublinhar as descrições, narrativas, episódios e histórias do sistema no seu melhor. Não se trata de ignorar o negativo ou disfuncional, mas sim realçar as histórias de sucesso e os momentos mais marcantes, de modo a criar expectativas de uma mudança positiva (Neto, 2008). Proporciona-se, desta forma, uma linguagem centrada no futuro e na apreciação das forças e recursos das pessoas e dos sistemas, que facilita a criação de um novo futuro, mais construtivo (Marujo, Neto, Caetano & Rivero, 2007).

Para uma melhor compreensão e aplicação do IA, é necessário conhecer e ter em conta os cinco princípios que o guiam, os quais derivam de três correntes de pensamento: o *construcionismo social* defende que o poder da linguagem e dos discursos existentes criam o sentido da realidade (Gergen, Hoffman & Anderson, 1996); a *teoria das imagens do futuro* sugere que as decisões e acções que temos no presente são influenciadas pelas imagens que temos do futuro; e a *investigação qualitativa* postula que a observação participante é a melhor forma de recolher dados, descrever e compreender uma cultura, organização ou sociedade (Marujo et al, 2007). Os cinco princípios assentes nestas correntes de pensamento são: *princípio*

construcionista, onde há uma procura constante em dar sentido e compreender as pessoas e a realidade que nos rodeia tal como a conhecemos, e a qual é construída socialmente através da linguagem e dos diálogos que estabelecemos, existindo, deste modo, diversas possibilidades de interpretar as mesmas experiências; *princípio da simultaneidade*, que inclui o processo de inquirir e de mudança como simultâneos, onde através do questionamento se intervém, influencia-se a realidade e promove-se a mudança; *princípio poético*, que considera que da mesma forma como um poema ou uma obra bibliográfica podem ser interpretados de inúmeras formas, o passado, presente e futuro das pessoas também podem ser fontes inesgotáveis de aprendizagem, inspiração ou interpretação, sendo as pessoas autores das suas vidas, através das escolhas que fazem das partes das suas histórias que lhes são mais úteis em determinado momento; *princípio antecipatório*, em que os sistemas humanos são inspirados e guiados pelas suas imagens do futuro, e assim a imagem que criam desse futuro vai condicionar a forma como se orientam para o mesmo; e, por fim, o *princípio positivo* refere que os sistemas humanos movem-se na direcção daquilo que é inquirido, assim, quanto mais positiva for a questão colocada, mais longo, duradouro e eficaz é o esforço para a mudança (Reed, 2007; Marujo et al., 2007).

O processo do IA desenvolve-se em quatro fases, tendo como metodologia um ciclo que foi chamado de *Modelo 4D* (Reed, 2007). Este modelo implica 4 momentos sequenciais de perguntas positivas/apreciativas, que são: descoberta (*discovery*), sonho (*dream*), delineamento (*design*) e destino (*destiny*).

Momento de descoberta: nesta fase são exploradas as capacidades e recursos dos indivíduos, através de questões positivas, que procuram induzir à descoberta dos sucessos, explorando as experiências mais positivas e o que é mais valorizado. Tenta-se perceber o que dá vida/ energia à organização e/ou sistemas humanos, através da exploração de histórias de experiências especialmente gratificantes ou positivas, onde o funcionamento foi bem-sucedido. A fase de descoberta foca-se no melhor da experiência presente e passada (Marujo et al., 2007).

Momento do Sonho: esta fase ocorre quando os indivíduos visualizam o que poderia ser o futuro, e onde querem chegar. É dedicada a imaginar possibilidades para o futuro, um futuro melhor e mais positivo, permitindo que possam ser descobertos valores e ambições de que não se tinha consciência até então. A fase de sonho tenta, assim, focar-se no que se poderia melhorar, apelando ao imaginário e à fantasia (Marujo et al., 2007).

Momento do delineamento: uma vez identificado o sonho (o ideal), é necessário torná-lo concreto. Determina-se quais as metas a concretizar, e são delineados meios de concretizar o futuro desejado e os valores e ambições já descobertos. As questões correspondentes a esta fase

procuram levar à construção de planos de acção que suportem as perspectivas do futuro visualizadas (Marujo et al., 2007).

Momento do destino: constrói-se um plano de acção, pretendendo-se mobilizar recursos, novas relações e a aquisição de novas capacidades, de forma a garantir a realização dos objectivos criados na fase anterior (Reed, 2007). Ocorre também a implementação de mudanças, dando início a actividades que possam ser postas em prática no imediato, em função de uma maior aproximação a esses mesmos objectivos. Com o IA, além de se reflectir sobre o que funciona bem e no que poderia funcionar melhor, também se consegue alcançar o que se imagina e o que se procura (Marujo et al., 2007).

Considerando que procurar a origem do sucesso ou da vitalidade através de questões apreciativas tem consequências tanto emocionais como comunicacionais positivas, que o que é descoberto no processo de investigação tem mais a ver com as perguntas que se fazem e como se fazem do que com uma procura objectiva da confirmação das teorias ou hipóteses, e que as comunicações são intervenção activa, sobretudo nas entrevistas apreciativas, especificamente definidas para recolher as histórias do funcionamento do sistema no seu melhor, teve-se em consideração este modelo para a presente investigação (Marujo, Neto & Perloiro, 2004; Neto, 2008).

2.5.3. Textos publicados na Internet pelos Entrevistados

O casal entrevistado é o administrador de um blogue português sobre o Swing. A criação e manutenção de um blogue pode ser de autoria individual ou colectiva, sendo que quando é de autoria colectiva, existe um conjunto de pessoas que asseguram a sua dinamização, como aqui se verifica (Gomes, 2005).

O termo blogue (ou *blog*) é a abreviatura do termo original da língua inglesa *weblog*. Este termo, segundo Gomes (2005), parece ter sido utilizado pela primeira vez em 1997 por Jorn Barger. O conceito de blogue tem vindo a expandir-se, sendo a sua definição cada vez menos consensual, em resultado da diversidade de formas, objectivos e contextos de criação, bem como da diversidade e distinta natureza dos seus criadores. Contudo, caracteriza-se *weblog* como sendo uma página na Web, que se pressupõe ser actualizada com frequência, através da colocação de mensagens (*posts*) constituídas por texto e/ou imagem, normalmente de pequenas dimensões e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar.

É possível encontrar milhares de blogues na Internet, criados com objectivos de natureza diversa e com abrangência de uma grande diversidade de temas. Ao constituírem espaços de

publicação na Web, os blogues permitem tornar visível a produção escrita dos seus autores, dando assim “voz” às suas ideias, interesses e pensamentos (Gomes, 2005).

Os materiais que os sujeitos escrevem, embora não sejam tão utilizados, também podem ser utilizados como dados. A qualidade deste material varia e pode ser de vários tipos. Alguns dos materiais apenas fornecem detalhes factuais, outros servem como fontes férteis de descrições de como as pessoas que produziram os materiais pensam sobre um determinado tema. Embora possam ser utilizados de forma exclusiva, o uso destes materiais, costuma complementar entrevistas ou observações participantes (Bogdan & Biklen, 1991/1994).

Bogdan e Biklen (1991/1994) referem que o principal objectivo ao utilizar-se materiais escritos na primeira pessoa é o de recolher provas detalhadas de como os autores dos escritos compreendem as situações sociais, e os significados que dão a diferentes factores ou experiências. Assim, optou-se por utilizar alguns *posts* escritos pelo casal entrevistado sobre alguns temas dentro do Swing. Nestes materiais, eles desenvolvem a sua opinião sobre algumas questões relacionadas com este tema. O objectivo seria completar e complementar estes dados com os recolhidos na entrevista, de forma a obter uma visão mais fidedigna e uma caracterização mais verdadeira da relevância da prática do Swing na conjugalidade deste casal.

Preferiu-se não mencionar o nome e endereço do blogue referido, com o intuito de prevalecer a garantia dada aos participantes neste estudo, de afiançar a confidencialidade e anonimato estabelecidos. No Anexo I encontram-se os textos utilizados para a presente investigação.

2.6. Elaboração do Guião de Entrevista Semi-Estruturada com recurso ao Inquérito Appreciativo

Para ser possível a realização da entrevista, construiu-se um guião (Anexo II) com base nos objectivos e nas questões de investigação, tendo em conta os critérios utilizados numa *entrevista semi-estruturada* e as linhas de base do IA.

O guião da entrevista foi construído segundo um agrupamento de questões em temas, de uma forma que se pretendeu coerente. Para tal, o guião foi dividido em diferentes áreas temáticas: fase de abertura, introdução ao tema, entrada no Swing e processo vivenciado e experienciado pelo casal, relação do casal no presente, casamento exclusivo Vs casamento com prática de Swing, fases do Modelo 4D de IA (momento de descoberta, momento do sonho, momento de delineamento, momento do destino), e conclusão e reflexão sobre a entrevista.

A *fase de abertura* teve como principal objectivo a criação de uma ligação com os entrevistados, a explicação do objectivo do estudo e esclarecimento de possíveis dúvidas. Este momento acabou por não ser gravado, por opção dos entrevistados, de forma a poder ocorrer

uma conversa normal sobre algumas condições da entrevista e do estudo. Nesta fase também existiu um momento para recolher informação sócio-demográfica, nomeadamente: nomes, idades, profissão, zona de habitação, estrato socioeconómico, anos de casamento, anos de Swing e agregado familiar, e também a garantia da confidencialidade e anonimato dos entrevistados.

Na *introdução ao tema* pretendeu-se começar por perguntas gerais, com o objectivo de introduzir o assunto da entrevista e adquirir informações gerais da relação do casal antes da prática do Swing. Algumas das perguntas nesta fase foram: “Ao olharem para trás como recordam o vosso casamento antes da prática do Swing?”; “Quais eram as principais forças e recursos dessa relação?”; “Que capacidades utilizavam para resolver as vossas dificuldades?”; “O que valorizavam mais em vocês, no outro e na relação?”

A área temática, *entrada no Swing, processo vivenciado e experienciado pelo casal*, teve como objectivo recolher informação sobre o processo individual e do casal desde o início da prática do Swing até ao Presente. Como exemplo de algumas perguntas presentes do guião apresenta-se: “Como é que se depararam com a realidade do Swing?”; “Quais foram as vossas principais expectativas, como indivíduo e como casal?”; “Como caracterizam esse processo, essa passagem individualmente? E como casal?”; “Quais foram as maiores dificuldades com que se depararam enquanto casal?”; “Como é que as conseguiram superar?”

A fase *relação do casal no presente* teve como principal objectivo conhecer as características da relação actual do casal e perceber o papel da prática do Swing nessa caracterização. A título de exemplo de algumas questões, apresenta-se: “E hoje, o que valoriza mais em si, no seu cônjuge e na sua relação?”; “Como é que hoje olham e vivenciam a vossa relação?”; “Que papel e importância tem a prática do Swing na vossa relação?”

A fase *casamento exclusivo Vs casamento com prática de Swing* teve como objectivo perceber a visão do casal sobre o casamento e sobre as diferenças e semelhanças que consideram existir entre os casamentos exclusivos e os casamentos onde existe a prática de Swing, considerando a própria experiência do casal. As questões presentes no guião sobre esta temática foram: “Que forças e recursos consideram importantes num casamento?”, e: “Considerando a vossa experiência, que diferenças e semelhanças acham que existe entre os casamentos exclusivos e os casamentos que praticam Swing?”

Sendo o principal objectivo do IA gerar novas teorias, ideias e imagens que contribuem para a mudança sustentada, positiva e auto-determinada, e ser uma abordagem que se foca na compreensão das relações, das experiências, das pessoas, através da exploração de conquistas, proporcionando desta forma uma linguagem centrada no futuro e na apreciação das forças e recursos das pessoas, e facilitando assim a criação de um novo futuro, mais construtivo (Neto, 2008; Marujo et al, 2007), pareceu importante utilizar os seus princípios, como a utilização de

uma linguagem positiva e enfoque nos recursos e experiências positivas vivenciadas pelo casal, e o seu Modelo 4D. Contudo, teve-se em consideração algumas das críticas feitas ao IA, nomeadamente a de ignorar aspectos negativos da experiência. Assim, embora o IA se foque mais nos aspectos positivos da experiência, dado os seus pressupostos, a entrevista foi negociada e não imposta, e deste modo, se os entrevistados quisessem falar dos problemas, existiria espaço para serem falados.

Relativamente aos momentos do IA existentes no guião, tentou-se que estivessem todos presentes, por se considerarem todas as fases igualmente importantes entre si. No momento de descoberta colocou-se a questão: “Pensem numa altura, tendo em conta toda a vossa experiência enquanto casal, em que se tenham sentido mais vivos, mais excitados, mais realizados, mais entregues e mais felizes. Quais foram as forças e os factores que fizeram dessa experiência uma grande experiência?”. No momento do sonho a questão feita foi: “Quais são as três expectativas mais importantes que têm para a vossa relação futuramente?”. No momento de delineamento perguntou-se: “O que já têm feito para se aproximarem dessas expectativas? “ e finalmente, no momento do destino as questões presentes no guião foram: “O que ainda é necessário fazerem (tanto a nível individual como a nível do casal) para se aproximarem mais dessas expectativas?” e “O que é necessário acontecer, para as vossas expectativas serem vividas e vivenciadas?”

A fase *conclusão e reflexão sobre a entrevista* teve como principal objectivo pedir algumas reflexões finais sobre a entrevista e a temática em estudo. Tendo em consideração que este é um estudo exploratório, pretendeu-se conhecer a visão dos entrevistados sobre as questões realizadas e sobre possíveis questões que poderiam ter sido feitas. Assim, a título de exemplo de algumas questões presentes nesta temática, são: “Que perguntas/pontos teriam sido útil para vocês terem sido falados aqui hoje e não foram abordados?”, “Que acham que seria útil acrescentar para uma maior compreensão da prática do Swing?”, “E da vossa relação?”.

2.7. Procedimento

Como já foi referido, o primeiro contacto com os participantes foi feito através da Internet e posteriormente via telefone. Neste contacto foram explicados os objectivos e propósitos do presente estudo, houve espaço para esclarecimento de dúvidas por parte dos participantes e foi marcada a hora da entrevista. O primeiro contacto e a entrevista ocorreram no mesmo dia, por ser mais conveniente aos entrevistados. Assim, foi feita a entrevista no dia 17 de Setembro de 2009, pelas 22h da noite.

Antes do começo da gravação da entrevista, entrevistadora e entrevistados começaram por manter uma conversa banal, de forma a criar a possibilidade de se construir uma relação. A entrevistadora começou por falar do estudo que estava a realizar e explicou as razões que a

levaram a fazê-lo. O casal sentiu-se à vontade e começou por falar, de forma geral, da relação que tinham. Nesta fase a entrevistadora também tentou deixar clara a garantia de confidencialidade e anonimato dos dados pessoais dos intervenientes, pois no âmbito da ética relativamente à investigação com sujeitos humanos existem essencialmente duas preocupações principais: o consentimento informado e a protecção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos. Tais normas tentam assegurar que os sujeitos adiram voluntariamente aos projectos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e obrigações nele envolvidos (Bogdan & Biklen, 1991/1994). Assim, foi entregue ao casal um documento (Anexo III) assinado pela investigadora e pelo seu supervisor, que tinha em atenção estas preocupações referidas.

Relativamente ao anonimato e confidencialidade, os entrevistados preferiram que não fossem utilizados nomes fictícios, apenas “casal sintense”, e deixaram como condição a entrevista ser utilizada exclusivamente para o presente estudo, o que foi aceite e assegurado pela entrevistadora.

Na fase de abertura, também foi referido que não existiam respostas certas ou erradas, o que interessava era a opinião e a experiência dos entrevistados, e foi pedido que estivessem à vontade se não quisessem responder a alguma questão, ou, se tivessem alguma dúvida relativamente a alguma questão colocada, que o dissessem.

Foi pedida autorização para gravar a entrevista, explicando esse propósito, e iniciou-se a entrevista com a recolha de dados sócio-demográficos.

Inicialmente os membros do casal apresentaram-se apreensivos e receosos, contudo foi-se notando progressivamente um aumento do à-vontade de ambos no decorrer da entrevista. Segundo Bogdan e Biklen (1991/1994), as boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre o tema questionado. O investigador tem um papel crucial neste ponto, pelo que se tentou fazer, durante a entrevista, com que os participantes se sentissem ouvidos, tendo a entrevistadora cuidado em comunicar o seu interesse pessoal, através de acenos com a cabeça e de expressões faciais de atenção, compreensão e empatia.

A transcrição da entrevista integral encontra-se localizada no Anexo IV. Nessa transcrição tomaram-se três abreviaturas: “M” referente aos discursos do membro do casal masculino, “F” referente aos discursos do membro do casal feminino e “E” relativo às intervenções da entrevistadora.

Relativamente aos materiais escritos no blogue deste casal, depois de ter sido feito o pedido de utilização destes materiais para o presente estudo, e se garantirem as mesmas condições de confidencialidade e anonimato dos mesmos, optou-se por fazer uma selecção do material utilizado. Assim, foram utilizados *posts* integrais escritos pelos participantes, mas apenas os que

se referiam ao tema do Swing e os que eram úteis para ajudar a complementar a entrevista realizada, visando os objectivos identificados.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

A forma de apresentação e discussão dos resultados foi baseada numa investigação realizada por Marujo e Neto (2007), intitulada de *Álbuns de Família: De Viva Voz*, para o Instituto de Acção Social dos Açores. Neste estudo, os autores Marujo e Neto (2007) consideraram em cada conjunto de análise várias vozes: a *voz dos inquiridos*, mulheres, homens, filhos e casais, a quem fizeram as entrevistas; a *voz da ciência*, onde apresentaram os dados qualitativos e quantitativos tratados; a *voz da emoção*, que continha reflexões e expressões emocionais dos investigadores envolvidos na análise, reflexões que se baseavam tanto na análise dos dados da metodologia científica como na subjectividade própria do investigador; as *vozes no futuro*, que eram caracterizadas por questões apreciativas, estas questões tinham o objectivo de as respostas dadas pelos inquiridos não serem um ponto de chegada mas sim um ponto de partida, um início de um futuro de sonhos e possibilidades; finalmente, a *voz do leitor* consistia num espaço deixado para o leitor, para este poder escrever as suas questões, reflexões, análises e ideias, tendo assim espaço para poder escrever a sua própria análise.

Marujo e Neto (2007) basearam-se nesta forma de apresentação de dados a partir do trabalho desenvolvido por Kenneth Gergen e Mary Gergen, autores que mais contribuíram para o crescente desenvolvimento e expansão do Construcionismo Social. Defendem a possibilidade de descobrir uma maior criatividade e inovação na apresentação dos dados de investigação e de dar atenção às “vozes” que têm sido silenciadas pela Ciência, como a voz do investigador, apontada como subjectiva, e a voz do leitor (Gergen & Gergen, 2004; Marujo e Neto, 2007).

Como o objectivo principal deste estudo é tentar compreender a relevância da prática do Swing na conjugalidade de um casal, pretende-se dar “voz” a esse casal e analisar as diferentes formas de sua expressão. Desta forma, foram criadas duas análises das suas exposições: a *voz do casal escutada*, que compreende a análise da entrevista feita, e a *voz do casal lida*, que abarca a análise do material escrito exposto no blogue. Seja lida ou escutada, o objectivo é dar atenção (*dar voz*) às suas diferentes manifestações. Similarmente foi considerada a *voz da ciência e dos resultados*, onde são apresentados os conteúdos relevantes das vozes lidas e escutadas do casal, comparando-os com os dados da investigação científica relacionados. A *voz da emoção* também foi considerada, por se considerarem relevantes as reflexões e os sentimentos do investigador ao longo de toda a sua investigação. Segundo Bogdan e Biklen (1991/1994), os dados carregam o peso de qualquer interpretação. Deste modo, o investigador tem constantemente de confrontar as suas opiniões próprias e preconceitos com eles, contudo em vez de silenciar essas opiniões

próprias e preconceitos, pretendeu-se, nesta investigação, que fossem consideradas e atendidas. A *voz do leitor* também esteve presente na apresentação dos resultados. Por se achar útil o leitor ter espaço para poder fazer as suas reflexões, sobre todas as vozes que leu, e daí dar uso à sua própria voz. Criaram-se, assim, duas linhas horizontais sobre as vozes escutadas e lidas do casal, e a voz da Ciência e dos resultados, uma das linhas representada pela *voz da emoção*, e a outra deixada em branco, onde o leitor terá a liberdade de expor as suas ideias, confrontar preconceitos, levantar questões e abranger conclusões, fazendo assim também parte da investigação.

As *vozes do futuro* não foram consideradas na apresentação dos resultados, no entanto tentou-se, com a utilização do IA na elaboração do guião da entrevista, que as perguntas permitissem ao casal visualizar o seu futuro pleno de expectativas e sonhos, mas também diferentes formas e caminhos de os alcançar.

A mapificação dos dados e da sua análise foi traçada através das questões propostas no guião, das respostas dadas pelo casal, das reflexões que fizeram no material escrito que elaboraram, e do enquadramento teórico do presente estudo, sendo essa mapificação considerada tendo em conta os objectivos do presente estudo. Para clarificar o discurso do casal, e de forma a simplificar a leitura da grelha de análise, utilizou-se as seguintes abreviaturas: voz masculina do casal: M; voz feminina do casal: F; e excertos da transcrição original que não foram relevantes na análise: (...).

Mapificação dos Dados	“Voz do Casal Escutada”	“Voz do Casal Lida”	“Voz da Ciência e dos Resultados”
<p>Características de um casamento funcional, segundo o Casal</p>	<p>“Cumplicidade”; “é o casal entre si dar-se bem, complementar-se, haver muita cumplicidade (...) entre os dois.”; “Sem tabus”; “Partilhar tudo. Não só a nível sexual, como a todos os níveis. (...); “É construir uma vida familiar primeiro, viver para essa vida familiar e depois paralela à vida familiar ter a nossa vida pessoal a dois e levá-la a melhor possível, fazer o melhor possível.”; “Conciliar as duas.” (...)</p>		<p>Segundo o casal, as características necessárias para um casamento ser funcional são: haver cumplicidade, a complementaridade entre o casal, o dar-se bem, não haver tabus na relação, a existência da comunicação de forma a partilharem tudo e a existência de uma divisão entre a vida familiar e a vida do casal, conciliando as duas da melhor forma.</p> <p>Segundo Relvas (2004), a partir do momento em que nasce o primeiro filho, muitos casais têm dificuldades em diferenciar os dois papéis formados, o de marido/mulher e o de pais, podendo haver, assim, um decréscimo da intimidade e satisfação sexual do casal em detrimento do bem-estar da vida familiar. A preocupação do casal em conciliar os dois papéis é essencial no ciclo vital para a qualidade da relação do casal e da relação familiar.</p> <p>O casal considera estas características importantes, mas não foi explorado se conseguem utilizá-las com eficácia, embora pareça que sim. É de realçar, contudo, essa consciencialização e essa pré-disposição em utilizá-las. Ao conseguirem fazê-lo, pode-se desenvolver uma maior satisfação do casal, uma maior satisfação sexual e uma maior satisfação familiar (Gottman & Silver, 1999/ 2001).</p>

<p>“Voz da Emoção”: Com este tema pretendeu-se perceber a descrição do casal sobre a visão que têm de um casamento funcional, por se considerar que será dessa descrição que talvez construam a própria relação, juntando outras características ao longo da sua evolução. A divisão que o casal acha importante estabelecer entre o papel conjugal e familiar foi uma característica que se achou deveras interessante. Por terem essa consciencialização, muitas famílias vivem apenas para um dos papéis, acabando por deferir parte das suas funções, penalizando a satisfação familiar como um todo.</p>			
<p>“Voz do Leitor”</p>			
<p>Caracterização do Casamento antes da prática do Swing</p>	<p>"O casamento começa a entrar numa certa monotonia"; "embora fosse uma relação boa, estável" (..) "já havia uma relação forte" (...)</p> <p>"a nossa relação sempre foi uma relação muito sólida" (...) "sempre falámos sobre tudo um com o outro."; "Pronto mas começou a ser, o dia-a-dia, de manhã à noite, trabalho, casa. Sempre aquela rotina.. Pronto, mas nunca tivemos nada que, nós nunca tivemos uma briga"; "Corria tudo bem, corria tudo bem, em termos de relação pessoal, em termos de relação sexual" (...)</p> <p>"Sempre fomos muito liberais, (...) a estabilidade do nosso casamento."; "Sempre valorizámos a nossa relação, desde o princípio" (...)</p> <p>"antes não saía para lado nenhum, antes do Swing não saíamos " (...) "havia mais ciúme, havia mais desconfiança, eu podia ter uma vontade de estar com outra pessoa, ou ela podia ter</p>	<p>"Corria o ano de 1991 quando tudo começou a nascer nas nossas cabecinhas já na altura bem liberais"</p>	<p>Os adjectivos utilizados pelo casal para descrever o casamento antes da prática do Swing foram: boa, estável, forte e sólida.</p> <p>Salientaram a boa relação pessoal e sexual que tinham.</p> <p>Acrescentaram ainda uma boa comunicação, que possibilitava falar “de tudo um com o outro”.</p> <p>Referiram que sempre valorizaram a relação.</p> <p>Como característica de ambos, salientaram nos materiais escritos e na entrevista a mentalidade liberal que já tinham.</p> <p>Como pontos menos positivos da relação, salientaram: a monotonia, a rotina, o viver para casa, trabalho e filhos, o não saírem juntos, a existência de ciúme, desconfiança e fantasias das quais tinham receio de falar.</p> <p>A utilização da comunicação permite aos casais que esclareçam, negociem, ultrapassem conflitos e se liguem. Este processo conduz a uma clarificação e congruência comunicacionais que são elementos fundamentais ao longo de toda a relação do casal (Relvas, 2004). Pelas referências dadas pelo casal, a comunicação entre ambos parecia existir</p>

	<p>vontade de estar com outra pessoa, mas não falávamos. (...)</p>	<p>com qualidade, embora tivessem receios de falar sobre as fantasias mais íntimas de cada um, característica de muitos casais. O sexo é a área na vida do casal em que existe um maior embaraço de comunicação, sendo um desafio para muitos casais comunicar sobre este tema de forma clara e sincera (Gottman & Silver, 1999/2001). As dificuldades ao nível da comunicação sobre a sexualidade podem levar à insatisfação sexual, devido à incompreensão dos desejos e necessidades que cada cônjuge tem e à não realização dos mesmos (Narciso & Ribeiro, 2009; Regan, 2008). O casal não salientou insatisfação sexual, referindo ser eficaz.</p> <p>No estudo de Cadima (2003), conclui-se que, relativamente à avaliação da qualidade do casamento antes dos casais iniciarem a prática do Swing, a maioria dos casais <i>swingers</i> avaliaram-no como de qualidade média (44,2%), 28,8% avaliaram-no como excelente, 25% acima da média e 1,9% abaixo da média. Através das respostas dadas pelo casal, estas parecem estar de acordo com os resultados encontrados no estudo, parecendo estar na média a avaliação que o casal fazia da qualidade da relação.</p> <p>Sendo a satisfação conjugal uma avaliação pessoal da relação feita pelos cônjuges (Narciso e Ribeiro, 2009), pela descrição que o casal fez da caracterização da relação, parecia haver níveis positivos de satisfação conjugal.</p>
<p>“Voz da Emoção”: - Os adjectivos utilizados pelo casal para classificarem a relação poderiam ter sido mais explorados, o que significa “boa”, “forte”, “sólida”, “estável”. Estes foram adjectivos enfatizados várias vezes, mas que são de difícil definição objectiva. Contudo, parecia haver concordância e complementaridade entre o casal quando descreviam a relação.</p> <p>- A comunicação que referiram haver, o discutirem abertamente tudo um com o outro, pareceu ser um forte recurso desta</p>		

relação. Embora tenham referido as inibições em falarem de fantasias pessoais que, segundo Narciso e Ribeiro (2009) e Regan (2008), poderiam constituir uma dificuldade que levasse a insatisfação sexual e conjugal, o casal referiu que se sentia satisfeito tanto a nível conjugal como sexual, mas será que, com o tempo, essa insatisfação não surgirá na relação?

“Voz do Leitor”:

<p>Expectativas e razões para começarem a praticar Swing</p>	<p>"Primeiro tivemos receios, receios de que íamos encontrar, se nos íamos dar bem"; (...) "A expectativa era mais essa, saber quem íamos encontrar, conhecer pessoas com a nossa forma de pensar" (...) "as minhas era dar largas às fantasias."; "era poder estar com outras mulheres sem ter que enganar a minha"; "poder vê-la à ela com outros homens"; "É estar com ele, estar com outro homem e sentir prazer e vê-lo ter também, sem haver aquela traição, sem haver nada."; "(...) receios"; "conseguir estar com ele e dar largas aos nossos fetiches às nossas fantasias"; "Porque se não fosse o sexo, ninguém ia para o Swing, não valia a pena (...) a partir dessa ideia do sexo, se poder criar uma amizade com as pessoas, é o ideal, é isso que normalmente as pessoas procuram"; "porque ele tinha fantasias, como eu as tinha" (...)</p>	<p>"vimos que cada um de nós tinha as suas fantasias, e se o podíamos fazer em conjunto sem um ter que enganar o outro"; (...) "porque nos adoramos, (...) queremos o melhor para o nosso parceiro/a (...) adoramos sexo, (...) temos fantasias não realizáveis a dois. (...) tudo começa em volta do sexo, essa é a principal razão para se ser <i>Swinger</i>" ; "Desejos de variedade e de apimentar uma relação, são os principais motivos que levam os casais a praticar o Swing. Com o passar dos anos existe na grande maioria dos casais um decréscimo da intensidade do desejo e da frequência da actividade sexual. O Swing pode ser uma forma de reintroduzir alguma excitação numa relação que se tornou morna."</p>	<p>Em relação a expectativas o casal realçou o saber quem iam encontrar e se encontrariam pessoas com a mesma forma de pensar do casal. Tiveram receios também nesta área em saber quem iriam encontrar e se se iriam dar bem.</p> <p>Como razões salientaram o sexo, o <i>adorarem-se</i>, o querem o melhor para o parceiro, o realizar de fantasias, viverem fantasias não realizáveis a dois, o estar com outros homens e outras mulheres sem se traírem, o poderem tirar prazer de ver um cônjuge com outros parceiros e o criarem amizades.</p> <p>Cadima (2003) no seu estudo encontrou várias razões apresentadas pelos casais para praticarem Swing: tornar mais tolerável um casamento insatisfatório, aumentar a satisfação de um já de si casamento satisfatório e seguir uma opção filosófica. No caso presente as razões parecem estar mais relacionadas com o aumentar a satisfação do casamento já satisfatório, e seguir uma opção de vida.</p> <p>As principais razões dadas pelos casais <i>swingers</i> para praticarem Swing foram: a variedade de experiências e parceiros sexuais; a oportunidade de participar num estilo de vida desviante, de forma a desafiar as normas de sexualidade sociais; prazer e excitação em observar o seu parceiro a ter práticas sexuais com outra pessoa; a possibilidade de conhecer</p>
---	--	--	---

		<p>pessoas novas; o voyeurismo, observar outros casais de forma a aprender novas técnicas para utilizarem como casal e para perderem certas inibições sexuais que podem ter com o parceiro; recuperar certa parte da juventude perdida; providenciar um aumento do ego e auto-estima; sentirem-se atractivos e desejados, e aumentar o interesse pelo parceiro (Jenks, 1998). As razões apresentadas pelo casal estão relacionadas com a investigação do autor, de salientar: a variedade de experiências e parceiros sexuais; prazer e excitação em observar o seu parceiro a ter práticas sexuais com outra pessoa; a possibilidade de conhecer pessoas novas.</p> <p>Em relação aos receios teria sido importante salientar os receios de F. M referiu o receio de saber quem iriam encontrar e como se iam dar, mas F acabou por não os desenvolver. Tendo em conta a investigação feita por Biblarz e Biblarz (1980), são apresentados alguns receios por parte dos casais, que os levaram a deixarem de ser <i>Swingers</i>, como: medo de serem descobertos, medo de doenças e medo de serem rejeitados. Estes receios não foram descritos pelo casal, parecendo não estarem presentes na relação</p>
<p>“Voz da Emoção”: Com este tema pretendeu-se tentar compreender as razões que levaram o casal a ter um casamento aberto e as principais expectativas que tinham ao fazê-lo. Parece importante por ser mais um agente que ajuda a tentar compreender o processo do casal desde o início, antes do Swing, até à actualidade.</p>		

“Voz do Leitor”			
<p>Caracterização do Processo da entrada no Swing pelo Casal até ao Presente</p>	<p>“a partir do momento em que se começa a falar, a abertura depois é maior, e a partir do momento em que se entra numa coisa destas, depois já se pode falar de tudo, porque não há medos.”; “eu (M) a primeira vez que lhe falei no Swing”; “(F) Chorei durante um mês.”; “A reacção dela foi “Já estás farto de mim!””; “no nosso tempo 90% das vezes é o homem que avança. Agora já não tanto (...), (...) “era complicado eu chegar-me ao pé dela e dizer olha (...) o quê que achas de a gente avançar com isto assim e assim”. (...) “depois comecei eu própria a ver que, que não, (..) “não, é impossível, porque se ele me está a querer levar COM ele, não me quer trair e sim eu estar presente”; “pronto e depois começámos a conversar e a conversar sobre isso e a investigar e, não sei quê, e a ir a jornais e, e foi aí que a gente depois avançou.”; ” depois de ele me falar, e de a gente falar muito, de a gente conversar mesmo muito, eu fui abrindo e fui investigando com ele, e fui falando e fomos investigando. Até que eu vi que afinal não era porque ele</p>	<p>"Corria o ano de 1991 quando tudo começou a nascer nas nossas cabecinhas já na altura bem liberais."; "visita a um amigo de infância (...) nossa 1ª experiência em conjunto com mais alguém"; "Depois desse dia foi sempre a procurar novas aventuras, com amigos nos concertos de vários dias onde ficávamos todos em tendas"; "até aí sempre um com o outro em termos de sexo"; "resolvemos avançar para algo mais, porque vimos que cada um de nós tinha as suas fantasias, e se o podíamos fazer em conjunto sem um ter que enganar o outro, porque não tentar"; "Então alugamos um apartado nos correios e começamos a meter anúncios nos jornais"; "conseguir manter a privacidade nestes casos era muito complicado, porque eram muito poucos os casais que realmente o eram"; "era muito raro conseguirmos marcar um encontro com alguém e eram muitos os medos na</p>	<p>Através da análise das vozes do casal, é possível observar tanto o processo do casal como parte do processo do Swing em Portugal.</p> <p>Relativamente ao casal, este começou a pensar nesta prática em 1991. A iniciativa foi de M, e a primeira reacção da esposa foi chorar e pensar que o marido já não a queria. Segundo Cadima (2003), o primeiro passo para a troca de casais é essencialmente masculino.</p> <p>O casal refere que passaram por uma fase de intenso diálogo, até que F, ao reflectir, percebeu que M não a queria trair, e queria que F estivesse presente, percebendo que ambos tinham as mesmas fantasias. Segundo o casal, foi necessária muita conversa, investigaram e tiveram a primeira experiência com um amigo, essa experiência estimulou a curiosidade, e a partir dali foram tendo outras experiências com amigos em festivais, sem haver, contudo, troca de casais.</p> <p>A realidade em Portugal quando iniciaram era diferente dos dias de hoje. Começaram por alugar um apartado e a colocar anúncios em jornais, processo demorado, chegava a durar meses a anos sem terem experiências e encontros ao nível do Swing.</p> <p>Tiveram quatro filhos ao longo deste processo, acabando por haver interrupções no presente estilo de vida adoptado. Quando o Casal abriu o casamento, ainda se encontravam na fase da formação do casal. A partir do momento em que duas</p>

	<p>estivesse farto de mim, era pura e simplesmente porque ele tinha fantasias, como eu as tinha e não conseguia falar, ele adiantou-se.”; “foi ele ao adiantar-se que me retraiu.” (...) “chegámos à conclusão que podíamos experimentar qualquer coisa diferente”; “nós começámos a imaginar isto, portanto, começámos em brincadeiras entre amigos. ”; “tivemos uma vez uma experiência com um amigo”; “depois a partir dali, puxou mais a curiosidade”; (...) “resolvemos abrir um apartado e metemos um anúncio nos jornais”, “era complicado porque agente metia um anúncio, respondia-nos uma carta, depois agente respondia, depois vinha uma fotografia, mas nunca se sabia quem estava a falar do outro lado”, “passavam-se meses, muitas vezes meses, a trocar-se correspondências muitas vezes sem chegar a lado nenhum”, “tivemos muitos anos em que trocávamos muita correspondência, falávamos com muitos casais via carta, mas só fomos duas ou três vezes beber café. Com alguns para conhecer e para conversar.”; “Às vezes anos em que não se tinha nada, porque era muito difícil encontrar um casal”; “foi um</p>	<p>altura”; “fomos continuando a ter de vez em quando aquelas experiências com os amigos liberais”; “entretanto também foram nascendo os filhos que foram 4 e tivemos muitos interregnos pelo meio”; “na altura (...) casais <i>swingers</i> eram muito poucos e na sua grande maioria de um status social elevado.”; “Ouvíamos falar de festas numa casa em Cascais, de convívios numa suite de um famoso hotel em Lisboa, etc. inacessível para nós claro”; “mas lá fomos também fazendo os nossos conhecimentos, com muita calma, sem pressas, sabendo que mais tarde ou mais cedo encontraríamos alguém com a nossa forma de estar.”; “Eis que surge a internet”; “Quando finalmente começámos a ter acesso à internet, começámos a ver então que afinal já havia bastantes casais como nós, e começamos então a visitar sites sobre Swing na altura basicamente brasileiros ou espanhóis”; “tivemos conhecimento de um chat onde na altura se podia teclar com outros supostos casais e trocar as</p>	<p>pessoas se transformam num casal, começam a lidar com limites, com o que é permitido e com o que não é. Um desses limites é a fidelidade. A definição do que constitui adultério varia de cultura para cultura e, dentro da mesma cultura, de pessoa para pessoa (Alberoni, 1996/1999). Parece que nesta altura o Casal criou a sua própria definição de fidelidade, criando os seus limites, distinguindo fidelidade sentimental de fidelidade sexual (Morgado, 2006; Visser & McDonald, 2007). Nos primeiros estudos realizados sobre o Swing, as idades dos casais <i>swingers</i> variavam entre os 36 anos e os 55 anos, na actualidade a variabilidade parece ser maior, não havendo uma idade específica de iniciação desta prática (Bergstrans & Williams, 2000; Biblarz & Biblarz, 1980; Jenks 1985; Jenks, 1998; Rubin, 2001). Não é possível, assim, relacionar esta particularidade com o ciclo vital da família, parecendo que esta iniciação pode ocorrer em qualquer fase do ciclo vital.</p> <p>Na altura, na zona de Cascais, souberam de festas relacionadas com o Swing mas eram direccionadas para um estrato social mais elevado, o que confirma os primeiros estudos relacionados com o Swing na década de 80, que apontavam para uma caracterização dos casais <i>swingers</i> como sendo de um estrato sócio-económico médio alto (Bergstrans & Williams, 2000; Biblarz & Biblarz, 1980; Jenks 1985; Jenks, 1998; Rubin, 2001). A história do Swing em Portugal também anota para que nas décadas de 70/ 80 o Swing era mais praticado pela classe média-alta (SwPlace, 2005).</p> <p>Começaram a recorrer à Internet, sendo</p>
--	---	--	---

	<p>casal hoje, um casal para o ano, outro casal... e pronto foi assim que se foi construindo"; "Há medida que se vai avançado, vão se conhecendo muitas pessoas, vai-se criando amizades e vamos convivendo com pessoas e vamos ficando cada vez mais confiantes.", "Chega a uma altura em que agente já conhece casais, temos confiança com aqueles, não temos necessidade de andar à procura de muitos mais casais."; "as coisas vão se tornando muito mais seguras e nós vamos ficando muito, muito mais à vontade"; "nós fomos criando uma imagem, no nosso caso pessoal, como casal", "Abraçámos, o Swing para nós é um Estilo de Vida, não é só, é mesmo uma forma de estar. E abraçamos essa causa, com unhas e dentes, temos lutado por ela e temos feito muito por ela, em termos de divulgação, de Sites, de apoios a Clubes"; "fomo-nos adaptando ao longo dos tempos. Conforme a Comunidade foi crescendo, nós também tivemos que nos ir adaptando."; "Foram abrindo Clubes, as coisas começaram a ser divulgadas"; "adaptar a viver, a começar a viver numa comunidade em que no início eram meio dúzia de casais (...) que agora são alguns milhares";</p>	<p>primeiras impressões e tirar as primeiras ilações ao nível das empatias (...) foi aí que conhecemos os primeiros casais através da internet."; "Mais tarde então apareceram os primeiros sites portugueses"; "Através destes soubemos de salas de chat no mirc/irc para casais <i>swingers</i> "; "entramos no irc e experimentamos as diversas salas de chat"; "tomamos conhecimento do único clube <i>Swinger</i> na altura em Portugal."; "Finalmente tínhamos conhecimento da comunidade <i>Swinger</i> em Portugal e dávamo-nos a conhecer também"; "no início de 2002, decidimos construir um grupo no msn"; "o grupo foi crescendo."; "Em Junho de 2006 altura em que o msn resolveu acabar com esses grupos para adultos, a Casais_de_Portugal tinha 506 participantes"; (...) "Como nós éramos um casal bem conhecido no meio ajudávamo-los a fazer desse espaço um novo bar para casais <i>swingers</i>"; "para quem começou há uns anitos, quando nem se pensava sequer em clubes e onde apenas havia uns anúncios</p>	<p>que não havia sites portugueses, mas tiveram conhecimento, com o tempo, de canais de <i>chat</i> utilizados por casais <i>swingers</i>. Segundo Morgado (2006), o grande incremento da evolução do Swing foi a Internet, que permite os casais comunicarem de formas diversificadas e imediatas. Em 2002, o casal criou um grupo no MSN e em 2006 nesse grupo participavam cerca de 506 casais. Tiveram o conhecimento do primeiro Club de Swing em Portugal e desde aí, até hoje, são frequentadores de <i>clubs</i>, utilizam regularmente a Internet, são adeptos deste estilo de vida e para o casal é uma forma de estar. Dizem que agarraram este estilo e tentam apoiar e divulgá-lo ao máximo.</p> <p>Com o tempo foram conhecendo casais, ganharam mais confiança, cimentaram a relação, criaram mais amizades e não tinham uma grande necessidade de procurar mais casais, contudo têm tentado adaptar-se à evolução, referindo que no início eram meio dúzia de casais e que agora são alguns milhares de casais.</p> <p>Relativamente aos níveis de processo feitos pelo casal, definidos por Morgado (2006), o casal parece ter começado no nível 2, caracterizado pelo casal envolver-se com um <i>single</i>. O amigo foi a primeira experiência do casal. De seguida passaram para o nível 3, descrito por o casal gostar de presenciar e ver uma cena de sexo, ou de ser visto. Fase em que o casal ia para os festivais com os amigos. Só depois passaram para o nível 1, caracterizado por o casal ter prazer em partilhar a sua sexualidade à distância, através do telefone, e-mail ou webcam. No presente caso talvez tenha sido pelas</p>
--	--	--	---

	<p>"Os casais normalmente começam, e nós também começámos assim, começam pelo Soft Swing"; "Depois, a partir daí é que se vai, com a convivência, com o cimentar da relação, da confiança, é que se vai para outras coisas. As regras vão se adaptando, conforme a altura, conforme a vivencia que agente vai tendo", "hoje em dia um casal vai à internet o que não faltam são sites, o que não faltam são entrevistas nas rádios, nas televisões. Portanto, a informação é muito maior, há sites próprios para isso", "uma pessoa vai à "net", vai a um Site, inscreve-se no Site, começa a falar com um casal, tem o MSN, tem não sei o quê, portanto há muita mais facilidade.", " A realidade de hoje em dia é muito mais fácil"</p>	<p>nos jornais e apartados para troca de correspondência, que levava meses até à concretização de um encontro, sempre muito às escuras, era impensável nessa altura chegar ao ponto de ter um clube em Portugal ", "</p>	<p>circunstâncias e por ser a única forma de na altura contactarem com outros casais, o contacto era feito à distância através de anúncios nos jornais e do correio. Passaram para o nível 4, descrito por ser uma fase onde o casal interage com outro casal ou <i>single</i>, tendo em conta um conjunto de regras e limites preestabelecidos, geralmente iniciam-se no <i>soft swing</i>. Presentemente o casal parece estar no nível 5, em que é feita troca completa de parceiros, <i>full swap</i>, e está normalmente junto, sendo a partilha equitativa, contudo não existem dados suficientes que apoiem esta última reflexão.</p>
<p>“Voz da Emoção”: Este tema parece ser importante tanto para a compreensão da visão que o casal tem do processo que passou desde o início até à actualidade, um dos objectivos levantados no presente estudo, como para conhecer parte da história do Swing em Portugal.</p>			
<p>“Voz do Leitor”</p>			
<p>O ciúme na relação</p>	<p>"Não há ciúme, quando estamos numa relação", "Obviamente que se nos amamos há ciúme, só tem ciúme quem ama, mas é um ciúme diferente", "quando nós estamos com um casal, tanto ela está com outro</p>	<p>“Não procurem romance porque aí irão encontrar ciúme”</p>	<p>O casal referiu existir uma maior insegurança, desconfiança e ciúme antes de seres <i>swingers</i>. Referem que, por se amarem, têm ciúme, mas que esse sentimento é diferente, que quando estão numa relação Swing não existe ciúme por haver uma distinção de prazer carnal/sexual, o prazer é para ambos e</p>

	<p>parceiro, como eu estou com outra, portanto estamos os dois em igualdade de circunstâncias, não existe ciúme, portanto, o prazer é para os dois", "Existe o dar largas a uma fantasia, prazer carnal, simplesmente, só há prazer carnal ali, não há mais nada senão prazer sexual", "não pode haver ciúme ali, não tem que haver ciúme"; "antes de pensarmos em sermos <i>swingers</i> havia mais ciúme, havia mais desconfiança."; "Não há desconfianças, não há aquele bichinho quando ele chega mais tarde"; Não há traição"; "não é necessário haver traição"</p>		<p>estão em iguais circunstâncias, e referem que, devido a essas condições, não existe traição na relação, havendo mais confiança.</p> <p>Os casais <i>swingers</i> distinguem dois tipos de fidelidade: a fidelidade sentimental, que garante o amor entre duas pessoas e que representa o compromisso espiritual entre elas; e a fidelidade sexual, aquela que garante um compromisso físico, é a garantia de que uma pessoa não se envolverá sexualmente com outra, que não com aquela com quem está comprometida (Morgado, 2006; Visser & McDonald, 2007). O Casal do presente estudo também parece fazer esta distinção, dando uma importância e primazia maior à fidelidade sentimental, sendo o ciúme também diferenciado do nível emocional/sentimental, do nível sexual.</p> <p>Bartell e Denfeld (citado por Biblarz & Biblarz, 1980) e Jenks (1998) referiram que a causa mais apontada pelos casais que desistiram do Swing foi a presença de ciúmes na relação. Parece assim ser importante a distinção que este casal faz entre a fidelidade sexual e a fidelidade sentimental de forma a conseguirem regular o ciúme neste estilo de vida.</p>
<p>“Voz da Emoção”: Este tema parece ser importante na compreensão da relação actual do casal. Ao longo deste estudo ocorreu muitas vezes a dúvida de como o casal consegue controlar o ciúme nesta prática, e se realmente seria capaz de o fazer, a visão que é transmitida pela sociedade, de que fidelidade sentimental e sexual estão associadas, faz com que seja difícil perceber e conseguir distinguir estes dois tipos de fidelidade. É de salientar, no entanto, que antes de o casal abrir o casamento, o ciúme era mais vivenciado na relação e o medo da traição parecia ser mais visível que actualmente.</p>			

“Voz do Leitor”			
<p>Capacidades que o Casal utiliza para resolver as dificuldades</p>	<p>"Dificuldades financeiras é trabalhar.", "Dificuldades de vivência pessoal, quer com filhos, quer nossa, é com muita conversa, falar de tudo um com o outro.", "E tentar chegar a um consenso, falar com os filhos, falarmos entre nós e tentarmos chegar a um consenso e a uma solução", "como a gente fala muito, a gente não tem dificuldades, entre nós não temos dificuldades, porque a gente conversa sobre tudo e resolvemo-las.", "as maiores dificuldades aqui é conhecer as pessoas", "Conseguimos conviver numa Comunidade já com alguma expansão, conseguir conviver nessa Comunidade a dar-mo-nos bem com o máximo possível, se não com todos, pelos menos com o máximo possível de pessoas.", "em termos pessoais não e em termos do Swing também não porque já temos o nosso cantinho, entre aspas, feito.", (...)</p>		<p>O casal distinguiu três tipos de dificuldades:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Dificuldades financeiras, sendo trabalhar o recurso adoptado; 2- Dificuldades relacionadas com vivências pessoais, casal e filhos, sendo a comunicação utilizada como recurso, tanto entre o casal, como entre o casal e os filhos. Dessa comunicação tentam chegar a um consenso e a soluções possíveis de resolver as dificuldades; 3- Dificuldades relacionadas com o Swing por terem o desejo de conseguirem conviver com a maioria dos casais e darem-se bem com todos. <p>Embora também tenham referido ao longo da entrevista que não tinham dificuldades pessoais por falarem sobre tudo, resolvendo-as antes de surgirem.</p> <p>A utilização da comunicação permite aos casais que esclareçam, negociem, ultrapassem conflitos e se liguem. Este processo conduz a uma clarificação e congruência comunicacionais que são elementos fundamentais ao longo de toda a relação do casal (Relvas, 2004). Mais uma vez, pelas referências dadas pelo casal, a comunicação entre ambos parece existir com qualidade e é um recurso que utilizam para evitarem as dificuldades.</p>
<p>“Voz da Emoção”: Embora ao utilizar as características do IA, as perguntas tenham sido feitas de uma forma positiva, com o objectivo de poderem ser retirados recursos e soluções utilizados pelo casal, se houvesse dificuldades ou complicações profundas na relação, pensa-se que estes poder-se-iam ter revelado. O que faz com que se conclua a possibilidade de não existirem grandes dificuldades vividas pelo casal no presente.</p>			

“Voz do Leitor”			
<p>O que está diferente na relação deste que começaram a praticar Swing</p>	<p>"Embora fosse uma relação boa, estável, a partir daquele momento tornou-se diferente.", " Mais cúmplice, mais confiança um no outro."; "A relação fortaleceu", "A relação fortaleceu muito, como há mais confiança a relação fortalece mais", "o amor que agente sente um pelo outro começou como se agente tivesse a começar a namorar", (...) "Embora tenhamos 26 anos de casados parece que casamos a semana passada.", "a relação é muito forte, torna-se uma relação muito forte, porque já havia uma relação forte" (...) "a grande confiança que a gente conseguiu e a estabilidade da nossa relação", "a estabilidade do nosso casamento", (...) "Descobrimos que éramos capazes, descobrimos, fortalecemos, que éramos capazes de falar de coisas que e de fazer coisas que antes do Swing não se fazia tão bem, não se falava tão abertamente.", "Em termos pessoais não temos dificuldade nenhuma, se já não tínhamos antes muito menos agora", "A confiança e empatia que agente tem um</p>	<p>“<i>swingers</i>’ se sentirem ainda mais atraídos pelo seu (sua) próprio(a) parceiro(a)”, “Uma experiência deste tipo pode aumentar o desejo sexual pelo parceiro, aumentando a confiança e cimentando a relação.”</p>	<p>O casal referiu que já tinham uma relação boa a todos os níveis, que não tinham grandes dificuldades e que estavam satisfeitos tanto a nível sexual como a nível conjugal, contudo que havia uma certa rotina e monotonia na relação. Também referiram que havia alguns ciúmes e desconfiança antes de praticarem Swing.</p> <p>O que ficou diferente na relação foi o cimentar da relação e o fortalecer dos recursos que já tinham. Tornou-se mais cúmplice, surgiu uma maior confiança, o amor renasceu como se tivessem começado a namorar, surgiu uma nova estabilidade na relação, descobriram que eram capazes de fazer e de falar de coisas que antes não discutiam, puderam falar das suas fantasias e concretizá-las, libertaram-se da vida familiar, começaram a sair e a divertir-se juntos; compreendem-se melhor, existe uma maior empatia, têm a confiança e a certeza de não haver traição na relação, por não ser necessário.</p> <p>O casal referiu sobretudo consequências positivas na relação ao passarem a ser <i>swingers</i>, características essas mencionadas nos estudos de Biblarz e Biblarz (1980) e Morgado (2006).</p> <p>Jenks (1998) e Bergstrand e Williams (2000) através das suas investigações também apontaram uma maior satisfação conjugal e maior satisfação sexual dos casais <i>swingers</i>, que no presente caso também parece ser observado.</p> <p>Embora as fantasias sejam a base da</p>

	<p>com o outro, basta olhar um para o outro, para saber se um está interessado e outro não está", "A seguir a uma relação <i>Swinger</i> a gente tem, temos a nossa lua de mel" (...). "Não veio acrescentar, veio só reforçar mesmo.", "libertarmos, também, um bocado da vida familiar e dos filhos", "começamos a ter alguma coisa onde nos pudéssemos, onde nos pudéssemos alhear um bocadinho da vida", "porque nos distrai, nos ajuda a procurar outras coisas novas, a conhecer pessoas totalmente dispare, portanto, diferentes.", "A nossa vida é o Swing", "Não tem um papel muito importante", "para nós é uma forma de estar", "É um modo de vida", "é uma forma de agente se divertir, aos fins-de-semana (...) Porque antes não saia para lado nenhum, antes do Swing não saíamos e agora não, é raro o fim-de-semana que agente não saia."; "Na maior confiança e no poder na base dessa cumplicidade e dessa confiança poder dar o azo a fantasias que existem"; "um casal que entra no meio Swing fala sobre tudo, tudo mesmo"; "Não há desconfianças"; (...) "Não há traição. Não é preciso, não é necessário haver traição";" nós antes de pensarmos em</p>		<p>aventura e da variedade no casamento, são poucos os casais que conseguem partilhar as suas fantasias e colocá-las em prática, quando conseguem os casais notam um crescimento na intimidade, no romance e na excitação do casal (Gottman & Silver, 1999/2001). Com este casal parece que tal aconteceu, ao conseguirem falar de tudo conseguiram concretizar as suas fantasias e aumentaram a intimidade e a confiança um no outro.</p> <p>Segundo Morgado (2006), o Swing não é aconselhável a todos os casais, existindo certas características inerentes aos casais <i>Swingers</i> que fazem com que este estilo de vida se adequa às suas relações, características como: baixo grau de ciúmes; gostar-se moderadamente de sexo, mas com vontade de variar e curiosidade de experimentar novas sensações; haver amor no casamento; forte ligação entre o casal – um amor sólido; grande facilidade de comunicação; conversar sobre as expectativas, como podem ser realizadas as fantasias do casal e os limites que cada um quer estabelecer. As características mencionadas já estavam presentes na relação do casal, talvez por isso as mudanças ocorridas na relação tenham sido tão positivas e o casal se tenha adaptado bem a este estilo de vida.</p>
--	--	--	---

	<p>sermos <i>swingers</i> havia mais ciúme, havia mais desconfiança, eu podia ter uma vontade de estar com outra pessoa, ou ela podia ter vontade de estar com outra pessoa, mas não falávamos.”; “a abertura depois é maior, e a partir do momento em que se entra numa coisa destas, depois já se pode falar de tudo, porque não há medos”; “nós compreendemos um ao outro, não é preciso falarmos, não é preciso gestos, nada, basta nós olharmo-nos.”</p>		
<p>“Voz da Emoção”: O casal apenas referiu consequências positivas na relação com a prática do Swing. Teria sido conveniente explorar a existência de consequências negativas. Contudo, ao longo da entrevista, por exemplo quando se falou de dificuldades vivenciadas na relação, poucas dificuldades apareceram, relativamente ao Swing e à relação nenhuma foi referida. Faz pensar na extensão de casais que tiveram também estas consequências, este casal é uma exceção ou fará parte da maioria?</p>			
<p>“Voz do Leitor”</p>			
<p>O que valorizam mais na relação e no parceiro</p>	<p>"O nosso amor", "Basicamente é o nosso amor, basicamente isso explica o resto", "Eu tenho o melhor homem do mundo. E o melhor pai.", "que valorizo é a sinceridade e a honestidade, principalmente, a honestidade um para o outro e a sinceridade.", "Sempre valorizamos a nossa relação, desde o princípio", "que valorizamos mais é a relação em si, tudo, toda a relação. Principalmente a honestidade e a confiança</p>	<p>"Os teus olhos castanhos e lindos e fiquei apaixonado", "Passados 22 anos, o meu amor por ti está mais forte, e apesar da vida nem sempre ser fácil, a felicidade invadiu o meu ser.", "a felicidade que me dá por fazer parte da minha vida.", "Nunca mudes a tua maneira de ser.", "tudo nela é grande e ao mesmo tempo perfeito, do tamanho dos olhos ao do coração", "parece eternamente</p>	<p>Através da entrevista feita pode-se observar que o que o casal mais valoriza na relação é a própria relação, é o amor existente entre ambos e a honestidade, confiança e sinceridade entre ambos.</p> <p>F valoriza as qualidades que M tem como marido e como pai, referindo ter o melhor marido do mundo, e M ser o melhor pai do mundo para os seus filhos.</p> <p>Através da “Voz do Casal Lida” os valores mais salientados são: o amor e a felicidade que a relação proporciona.</p> <p>M expõe a admiração que tem pelas qualidades da mulher. Valoriza as características de F como mulher, como</p>

<p>que agente tem um no outro, isso é o principal."</p>	<p>jovem e reina sobre tudo o que a rodeia sem sequer dar por isso", "A minha casa e os nossos filhos respiram o oxigénio dela", "Não sabe que todos os dias faz milagres na sua cozinha, não sabe o jeito que tem para ser mãe, não mede a generosidade com que trata os amigos e os filhos dos outros, não sonha o quanto as pessoas que gostam e precisam dela.", "Quero tê-la ao meu lado para sempre, porque sei que nunca vai envelhecer, nunca me vai trair, nunca se vai esquecer de quem gosta dela e nunca vai deixar de ser a melhor cozinheira e a melhor mãe do mundo." "mesmo que um dia tudo acabe, sei que tive a maior sorte do mundo, porque vivi na terra com uma deusa e poucos mortais têm tão rara e melhor sorte."</p>	<p>esposa, como mãe e como amiga. Refere que quer ficar com F para sempre, por saber que ela nunca envelhecerá, nunca o trairá, nunca se esquecerá de que gosta dela e nunca deixará de ser a melhor cozinheira e mãe do mundo.</p> <p>Gottman e Silver (1999/2001) referem que para haver uma maior probabilidade de um casal continuar junto e feliz é preciso que estes sejam emocionalmente inteligentes, que haja uma base significativa de amizade e compreensão entre os membros do casal, e que estes tenham respeito e que honrem tanto a relação como o cônjuge. Essa honra e respeito pelo parceiro e pela relação parece estar muito presente, existindo também uma grande base de amizade e cumplicidade, parecendo ser um casal emocionalmente inteligente.</p> <p>Kaslow e Robison (1996), citados por Barker (1998/2000), referem alguns elementos presentes na satisfação conjugal dos casais: amor, confiança mútua, respeito mútuo, apoio mútuo, crenças religiosas semelhantes, lealdade e fidelidade, dar e receber mútuos, filosofia de vida semelhante, valorização do divertimento e humor partilhados, interesses partilhados e interesses partilhados pelos filhos. Grande maioria destes elementos foram referidos pelo casal, muitos já estavam presentes na relação, mas o cimentar e o fortalecer dos mesmos faz parecer que existe um grande nível de satisfação conjugal presentemente no casal estudado, e que esta satisfação aumentou com a abertura do casamento.</p>
<p>“Voz da Emoção”: Salienta-se a forma como M e F olhavam-se ao longo da entrevista com carinho, paixão, sorrisos, ternura</p>		

e admiração, especialmente nas questões relacionadas com o que valorizavam mais na relação e no parceiro. Também é de referir os poemas e dedicatórias de amor por parte do casal existentes no blogue. Estes não foram usados por falta de tempo e de recursos.

“Voz do Leitor”

<p>Momento de Descoberta</p>	<p>Momento da Descoberta</p> <p>“A nossa primeira experiência.”; Sim, normalmente isso acontece na primeira experiência. Quando a gente tem uma primeira experiência a sério”; “E que é boa”; “E que tudo acontece e que as coisas correm bem”; (...) “O outro dia é fantástico”; “É como se a gente tivesse voltado ao primeiro dia de namoro.”; “Eu acho que ainda é melhor. É melhor. Eu acho que nesse dia parecia que eu tinha tomado, sei lá, um comprimido qualquer e sempre que a gente se tocava, sempre que a gente se encontrava tínhamos que fazer amor.”; “Eu acho que fomos nós os dois. O estarmos sempre juntos, sempre unidos e a nossa cabeça ser uma só, depois de a gente ter conversado e falado, nós passámos a ser um só, dois, mas um só.”</p> <p>Momento do Sonho</p> <p>“Expectativas em termos de Swing é continuar como até aqui, se for possível</p>		<p>No momento de descoberta, ao procurar momentos de sucessos e experiência positivas vividas pelos indivíduos, é possível explorar as capacidades e recursos dos mesmos, mais positivas, e o que é mais valorizado (Marujo et al., 2007). O casal referiu a primeira experiência Swing que tiveram como sendo um momento de sucesso e de felicidade e como recursos a própria relação e o estarem sempre juntos. “Passaram a ser dois, mas um só.”</p> <p>É de apontar uma possível limitação na questão feita ao casal para produzir o momento de descoberta. Pode ter sido induzida a resposta para o tema do Swing ao ter sido utilizada a palavra “excitação” na questão, deixando em detrimento todas as experiências vivências pelo casal não relacionadas com o Swing.</p> <p>No <i>momento de sonho</i> procura-se que os indivíduos visualizem o que poderia ser um futuro melhor e mais positivo, podendo permitir que sejam descobertos valores e ambições de que não se tinha consciência até ai (Marujo et al., 2007). No <i>momento de sonho</i>, o casal referiu continuar como tem sido, fortalecer as amizades que têm criado no meio Swing, continuarem a respeitar o meio, frequentarem os <i>clubs</i> e continuarem a ter as brincadeiras que têm tido com os casais amigos. Mais uma vez é de salientar a limitação existente na questão feita. Como</p>
-------------------------------------	---	--	---

“Voz do Leitor”

4. Conclusão

“Amo-te, não só pelo que és, mas amo-te ainda mais, pelo que somos.” (Morgado, 2006 p.315)

Ao considerarem-se os objectivos propostos no presente trabalho, considera-se que este estudo, de carácter exploratório, contribuiu para dar mais um passo na tentativa de compreender um estilo de vida, o Swing, e na tentativa de perceber a relevância que esta prática tem dentro da conjugalidade de um casal.

Uma vez que as investigações relacionadas com esta temática são sobretudo de índole quantitativa, pareceu importante o desenho da presente investigação – estudo de caso com metodologia qualitativa do tipo exploratório e descritivo – com o intuito de tentar compreender o comportamento e as experiências de um casal e intentar perceber o processo mediante o qual o casal construiu as suas experiências.

Relativamente aos resultados obtidos, e tendo em conta o propósito desta investigação, foi possível verificar que o processo de passagem do casamento exclusivo para um casamento aberto, através da prática de Swing, parece ter trazido consequências positivas para a relação do casal. Os dados sugerem, ainda, a existência de uma satisfação conjugal já percebida pelo casal antes de iniciarem a prática do Swing.

É de considerar a existência dos referidos dados, uma vez que parece ser importante para o início desta prática a existência de uma relação sólida e satisfatória por parte do casal, bem como uma comunicação aberta e funcional. Estas características parecem servir tanto de recurso para este processo realizar-se com sucesso, como também serem asseguradas pelo mesmo.

Ao relacionar as características da relação descritas pelo casal com os elementos de satisfação referidos por Kaslow e Robison (1996), citado por Barker (1998/2000), pode-se observar a existência da maioria dos elementos mencionados pelo casal, tais como: amor, confiança mútua, respeito mútuo, apoio mútuo, lealdade e fidelidade, dar e receber mútuos, filosofia de vida semelhante, valorização do divertimento e humor partilhados, interesses partilhados e interesses partilhados com os filhos. A fidelidade foi, também, considerada presente na relação do casal, por estes fazerem a distinção de fidelidade sentimental da fidelidade sexual e considerarem que a fidelidade sentimental prevalece na relação que mantêm.

Considerando os dados obtidos, parece poder-se concluir que o casal do presente estudo criou uma relação com um alto nível de satisfação conjugal.

5. Limitações do estudo e sugestões para investigações futuras

O presente estudo apresenta algumas limitações, as quais passamos a considerar.

A literatura sobre o tema do Swing ligada a investigações ainda é, em parte, reduzida, contudo salienta-se como limitação a pouca exploração das mesmas no presente trabalho, onde se fez somente a enumeração das conclusões pertinentes de cada estudo.

Poderia ter sido importante cruzar a metodologia da entrevista e da análise dos materiais escritos pelo casal com outras metodologias qualitativas, como a análise do discurso do casal, ou quantitativas, como a aplicação de uma escala de satisfação conjugal. Contudo, devido à insuficiência de tempo e de recursos, a possibilidade de um estudo mais aprofundado do casal não foi possível.

O presente estudo impossibilita, pela amostra reduzida, a generalização dos resultados, permitindo apenas a sugestão de orientações para novas investigações, e a reflexão de significados atribuídos ao tema em estudo.

A elaboração das questões do guião pode ter tido algumas limitações. Relativamente às questões relacionadas com os momentos do IA, existe a possibilidade de ter havido uma indução das respostas dadas, através dos conceitos utilizados nas perguntas. F também referiu que as questões eram por vezes difíceis de compreender, sendo esta a razão de uma menor intervenção sua, ao longo da entrevista. Esta limitação poderia ter sido colmatada se tivesse havido a possibilidade de realizar um pré-teste ao guião, contudo a dificuldade em encontrar um casal *swinger* que se disponibilizasse não foi possível. Outra limitação que pode ser apontada relativamente ao guião é a não definição de *Swing*, esta tanto podia ter sido feita pela entrevistadora como se poderia ter pedido ao casal uma tentativa de definição.

Teria sido importante uma maior exploração dos dados obtidos e das conclusões retiradas dos mesmos. As potencialidades do modelo de Gergen e Gergen (2004) acabaram por não ser completamente exploradas, devido à falta de tempo e de recursos, contudo é esta uma limitação a apontar ao presente estudo.

Espera-se que a presente investigação possa ter contribuído para uma maior percepção e conhecimento deste tema, bem como para uma dessensibilização de pré-conceitos e tabus associados ao estilo de vida estudado.

Como alusões de temas importantes a estudar, sugerem-se: a importância de compreender o processo individual de cada cônjuge neste processo; o comparar um casamento exclusivo com um casamento *swinger*; perceber a visão que os casais *swingers* têm do papel da Psicologia

dentro deste estilo de vida; perceber os recursos utilizados por estes casais para aumentarem a satisfação conjugal, e se esses mesmos recursos podem ser utilizados num casamento exclusivo.

6. Bibliografia:

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares* (2ªed.). Coimbra: Quarteto.
- Alberoni, F (2007). *Sexo e amor* (J. Falconi, trad). Lisboa, Portugal: Bertrand Editora. (obra originalmente publicada em 2005)
- Barker, P (2000). *Fundamentos da Terapia Familiar* (Fátima, A, trad). Lisboa: Climepsi Editores. (obra originalmente publicada em 1998).
- Bergstrand, C & Williams, J (2000). *Today's Alternative Marriages Styles: The Case of Swingers*. Electronic Journal of Human Sexuality, 3. Obtido em Fevereiro de 2009 de <http://www.ejhs.org/volume3/Swing/body.htm>.
- Biblarz, A., & Biblarz, D. N. (1980). *Alternative Sociology for Alternative Life Styles: A methodological critique of studies of swinging*. Social Behavior and Personality, 8, 137- 144.
- Bogdan, R & Biklen, S (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos* (Maria, A., Sara, S. & Telmo, B, trad). Porto: Porto Editora. (obra originalmente publicada 1991)
- Coontz, S. (2005). *Marriage, a History: How Love Conquered Marriage*. London, Penguin Books.
- Cooperrider, D.L. (1990). *Positive Image, Positive Action: The affirmative basis of organizing*. In S. Srivastva & D.L. Cooperrider, *Appreciative Management and Leadership* (pp. 91 – 125). San Francisco: Jossey- Bass.
- Cooperrider, D.L. & Srivastva, S. (1987). *Appreciative Inquiry in Organizational Life*. *Organizational Change and Development*, Vol. 1, 129- 169.
- Cooperrider, D. L., & Whitney, D. (2005). *Appreciative inquiry: a positive revolution in change*. California: Berrett-Koelher publishers.

- Dias, P. (2004). *A influência do Cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na Antiguidade Tardia*. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 6, 99- 133.
- Duby, G. (1988). *O Cavaleiro, a Mulher e o Padre* (G. Franco, trad). Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote. (obra originalmente publicada em 1981)
- Fisher, H. (1992). *The Anatomy of Love: the natural history of monogamy, adultery and divorce*. W.W. Norton, Nova Iorque.
- Gergen, K & Gergen, M. (2004). *Social Construction: Entering the Dialogue*. Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications.
- Gergen, K. J., Hoffman, L., & Anderson, H. (1996). *Is diagnostic a disaster? A constructionist dialogue*. F. Kaslow (Ed.). *Relational Diagnosis*. CA: Wiley.
- Gomes, M.J (2005). *Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica*. Obtido em Setembro de 2009 de <http://stoa.usp.br/cid/files/-1/3104/Blogs-final-nome.pdf>.
- Gottman, J. & Silver, N. (2001). *Os Sete Princípios do Casamento* (A. Sousa, trad). Cascais, Portugal: Editora pergaminho. (Obra originalmente publicada em 1999)
- Gottman, J & Notarius, C. (2002). *Marital Rsearch in the 20th Century and a Research Agenda for the 21st Century*. *Family Process*, 41 (2), 159- 197.
- Jenks, R.J. (1985). *Swinging: A Replication and Test of a Theory*. *The Journal of Sex Research*, 21 (2), 199- 210.
- Jenks, R. J. (1998). *Swinging: A review of the literature*. *Archives of Sexual Behavior*, 27, 507- 521.
- Knapp, J. (1976). *An Exploratory Study of Seventeen Sexually Open Marriages*. *The Journal of Sex Research*, 12 (3), 206- 219.
- Lind, W. (2008). *Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e Recursos*. Tese de Doutoramento em Psicologia Social.

- Lobato, J. (2001). *Prazeres e Deveres*. Caderno de Debates Plural: Sexualidade, Identidade e Género, Belo Horizonte, 15, 38-49.
- Marujo, H.A., Neto, L. M., & Perloiro, M.F. (2004). *Educar para o Optimismo*. (11ªed). Lisboa: Editorial Presença.
- Marujo, H. A., Neto, L. M., Caetano, A. & Rivero, C. (2007 a). *Revolução positiva: psicologia positiva e práticas apreciativas em contextos organizacionais*. *Comportamento organizacional e gestão*, 13, 115-136.
- Marujo, H. A., & Neto, L. M.(2007 b). *Álbuns de Família - De Viva Voz: Manual de possibilidades para construção do futuro A propósito dos 1m anos de RSI* (Disponível no Instituto de Acção Social, Edifício da Segurança Social, Rua Almirante Botelho de Sousa, 5º. 9500-158 Ponta Delgada).
- Marshall, C., & Rossman, G. B. (2006). *Designing qualitative research*. Fourth edition. California: Sage publications, inc.
- McCullough, P., & Rutenberg, S. (1989). Launching children and moving on. In E. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The changing family life cycle – A framework for family therapy*, (2.ª Ed., pp. 287-311). Boston: Allyn and Bacon.
- Morgado, J. (1996) *Swing*. Lisboa, Artipol.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: à procura do padrão que liga*. Tese de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I. & Ribeiro, M. (2009) *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa, Coisas de Ler.
- Neto, L. M. (n. d.). *Tudo o que sempre quis saber sobre o inquérito/indagação/investigação apreciativo/a em 10 perguntas* (aparentemente) fáceis. Retirado a 10 de Setembro de 2009, de <http://inqueritoapreciativo.com/Tudo-o-que-sempre-quis-saber-sobre-o-IA.pdf>.

- Perel, E. (2008). *Amor e desejo na relação conjugal* (João. M, Rita. G. & Ana. F, trad). Lisboa, Editorial Presença. (obra originalmente publicada em 2006)
- Pinheiro, J. (2008). Poligamia e uniões paralelas. In M. Dias & J. Pinheiro. *Escritos de Direito das Famílias: uma perspectiva luso-brasileira* (pp. 55- 74) Brasil: Magister Editora.
- Regan, P (2008). *Mating Game: A Primer on Love, Sex, and Marriage*. (2ªed.) Sage publications.
- Relvas, A. P. (2004). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica* (4ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, V. (2007). *Uma revisão sobre as relações amorosas desde a década de 50 até à actualidade*. Obtido em Maio de 2009 de http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0392
- Ribeiro, M., Sampaio, D., Amaral, J. (1991) *Que Divórcio?*. Lisboa: Edições 70.
- Robson, C. (2002). *Real World Research* (2ªed). USA: Blackwell Publishing.
- Rubin, A. & Adams, J. (1986). *Outcomes of Sexually Open Marriages*. *The Journal of Sex Research*. 22 (3), 311- 319.
- Saraiva, R. (no prelo). *Sexualidade: Entre a Biologia e a Cultura*.
- Stake, R. E. (1995). *The art of case study research*. California: Sage publications
- *SwingersPortugal* (2005). *O Swing*. Obtido em 15 de Setembro de 2009 de http://www.swingersportugal.com/index.php?option=com_content&task=view&id=36&Itemid=60
- *SwingersPortugal* (2006). *Troca de Casais Portugal*. Obtido em 15 de Setembro de 2009 de http://www.swingersportugal.com/index.php?option=com_content&task=view&id=66

- SwPlace (2005). *Swing em Portugal*. Obtido em 15 de Setembro de 2009 de http://www.swingersportugal.com/index.php?option=com_content&task=view&id=35&Itemid=55.

- SW-Team (2009). *Swing: Diário de Bordo*. Lisboa. Bertrand Editora.

- Thomson, E. (1991). *Two into one: Structural Models of Couple Behaviour*. In T.W Draper & A.C Marcos (Eds.), In *Family Variables: Conceptualization, measurement and use*. California: Sage Publications Inc.

- Vaz, J. M. (2002). *Estes difíceis amores*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

- Vaz, J.M. (2007). *O Amor É...* Lisboa. Textos Editores.

- Ventura, M (2007). *O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa: The Case Study as a Research Mode*. Pedagogia médica. Obtido em Agosto de 2009 de http://www.unemat-net.br/prof/foto_p_downloads/ventura_-_estudo_de_caso.pdf

- Visser, R & McDonald, D. (2007). *Swings and roundabouts: Management of jealousy en heterosexual "Swinging" couples*. British Journal of Social Psychology, 46, 456- 476.

- Whitaker, C A. & Bumberry, W. M. (1990). *Dançando com a família: uma abordagem simbólico – experiencial*. (R. E. Starosta, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas

Anexos

Anexo I- Material escrito pelo Casal

Os documentos seguintes estão apresentados por ordem de colocação na Internet desde 2006 até Setembro de 2009 pelo Casal Sintrense no seu Blog.

“O início...

Corria o ano de 1991 quando tudo começou a nascer nas nossas cabecinhas já na altura bem liberais.

Estávamos de visita a um amigo de infância que se encontrava enfermo a algum tempo e que nos pediu para que fizéssemos sexo os dois na cama ao lado.

Depois de alguma, pouca hesitação, resolvemos fazer-lhe a vontade e assim nasceu nossa 1ª experiência em conjunto com mais alguém.

Depois desse dia foi sempre a procurar novas aventuras...com amigos nos concertos de vários dias onde ficávamos todos em tendas, festa do Avante, Vilar de Mouros, etc... mas até aí sempre um com o outro em termos de sexo, só que o fazíamos todos no mesmo espaço à vista uns dos outros.

Até que resolvemos avançar para algo mais, porque vimos que cada um de nós tinha as suas fantasias, e se o podíamos fazer em conjunto sem um ter que enganar o outro, porque não tentar?

Então alugámos um apartado nos correios e começámos a meter anúncios nos jornais: Sexyclub, Sexus, Sexologia, onde na altura era usual, porque não havia Internet, nem telemóvel.

Mas como devem calcular conseguir manter a privacidade nestes casos era muito complicado, porque eram muito poucos os casais que realmente o eram, havia sim muitos caçadores de fotografias e tarados que apenas gostavam de trocar correspondência.

Por isso, era muito raro conseguirmos marcar um encontro com alguém e eram muitos os medos na altura...e então fomos continuando a ter de vez em quando aquelas experiências com os amigos liberais...pois entretanto também foram nascendo os filhos que foram quatro e tivemos muitos interregnos pelo meio.”

“A continuação...

Então fomos continuando na nossa saga, tentando conhecer outros casais como nós... na altura segundo as informações que fomos recolhendo, casais *Swingers* eram muito poucos e na sua grande maioria de um status social elevado.

Ouvíamos falar de festas numa casa em Cascais, de convívios numa suite de um famoso hotel em Lisboa, etc. inacessível para nós claro...mas lá fomos também fazendo os nossos

conhecimentos, com muita calma, sem pressas, sabendo que mais tarde ou mais cedo encontraríamos alguém com a nossa forma de estar.

E fomos amadurecendo cada vez mais a nossa relação que era cada vez melhor e com mais cumplicidade, a confiança um no outro era inabalável.”

“A internet...

Eis que surge a internet!

Quando finalmente começámos a ter acesso à internet, começámos a ver então que afinal já havia bastantes casais como nós, e começámos então a visitar sites sobre Swing na altura basicamente brasileiros ou espanhóis, e tivemos conhecimento de um chat onde na altura se podia teclar com outros supostos casais e trocar as primeiras impressões e tirar as primeiras ilações ao nível das empatias... chamava-se esse chat...o"nossochat.com.br"...foi aí que conhecemos os primeiros casais através da internet.

Mais tarde então apareceram os primeiros sites portugueses: <http://swplace.home.sapo.pt/> e <http://www.casais.online.pt/>

Através destes soubemos de salas de chat no mirc/irc para casais *Swingers* e resolvemos entrar então nesses chats com o nick de CasalSintrense.”

“Mirc/Irc

E assim entrámos no irc e experimentámos as diversas salas de chat que havia na altura,#casaispt...#*Swingers_erotikus*...#*Swingers_place*...e tomámos conhecimento do único clube *Swinger* na altura em Portugal, o EROTIKUSCLUB sito em Lisboa. Finalmente tínhamos conhecimento da comunidade *Swinger* em Portugal e dávamo-nos a conhecer também...

E depressa constatámos também que era um grupo muito restrito, de muito difícil entrada a quem era novo nos canais, se não seguisse uns certos parâmetros estabelecidos por quem mandava nos canais e no Erotikus.

Por este motivo resolvemos ao fim de algum tempo, no início de 2002, construir um grupo no msn, grupo esse denominado de: Casais_de_Portugal, onde a regra principal era só serem aceites no grupo casais devidamente confirmados, por webcam, telemóvel ou por outros casais já confirmados.

E assim o grupo foi crescendo; vários jantares com o intuito de juntar os vários casais foram organizados por nós sempre com uma média muito boa de participantes, jantares esses que acabavam normalmente num clube *Swinger*.

Em Junho de 2006 altura em que o msn resolveu acabar com esses grupos para adultos, a Casais_de_Portugal tinha 506 participantes; relembramos que era tudo casais confirmados, não existia na altura nenhuma outra página com estas características e tantos participantes.”

“Swingers desiludidos

Ora um *Swinger* não é uma pessoa que tenha um perfil qualquer. Antes de mais como liberal que é, será a diversão que conta, e não esmorece debaixo de alguma experiência menos boa. Claro que um casal *Swinger* é um casal liberal que acima de tudo aceita a sexualidade como um dado inerente a cada um dos seus membros, aceita a sexualidade partilhada mas não se arroga pertença de nenhuma. Ora visto isto desta forma até parece que qualquer de nós concordaria em ser já *Swingers* “vamos tirar o máximo da nossa sexualidade e deixar sentir o nosso(a) parceiro(a)”. Mas na verdade é que nem todos os casais conseguem encaixar este tipo de pensamento, se bem que concordem com ele ao nível da teoria na prática e após algumas experiências o subconsciente se vai acusar adverso ao pensamento. O porquê então de alguns *Swingers* desiludidos? Para uma grande maioria dos casais portugueses as exigências morais e católicas que nos foram impostas o amor o sexo e amizade são indissociáveis, no entanto e como o lado humano tem o outro lado perverso e obscuro sempre ao casamento se associou também e de uma forma mais ou menos aceite pela sociedade o adultério. Aliás alguns teóricos defendem que são as infidelidades conseguem manter o núcleo familiar. Esta será no entanto uma visão ultrapassada se atendermos aos inúmeros divórcios que se realizam e que demonstram que de facto as exigências de parte a parte se traduzem em grande insatisfação. O *Swinger* não é nem nunca será a cura para a insatisfação dos casais, fugazmente poderá funcionar como um escape e para um reacendimento da vida sexual do casal, como se de uma nova lua-de-mel se tratasse. Pensamos que as desilusões de alguns *Swingers* advêm de não terem perfil nem estarem preparados para este tipo de diversão. Não procurem uma amizade desinteressada porque o sexo estará sempre no meio como interesse principal, não procurem romance porque aí irão encontrar ciúme, não procurem estimulação sexual porque depressa se esgotará o encantamento da novidade. A desilusão de um *Swinger* não advêm do Swing, advêm da sua forma de estar na vida, ser *Swinger* é ter uma forma desprendida de estar na vida, não interessam paixões nem sofrimentos desmesurados, interessa é viver apenas e só um momento de cada vez.”

“Ser Swinger é...

Somos *Swingers* porque nos adoramos, Porque queremos o melhor para o nosso parceiro/a. Porque adoramos sexo, Porque temos fantasias não realizáveis a dois. Estas são as principais razões no nosso entender para se querer ser *Swinger*, Como vêm, sem hipocrisias, tudo começa

em volta do sexo, essa é a principal razão para se ser *Swinger*, o que depois se acrescentar a isso tanto melhor em termos de amizades, convívio, etc. Mas não é a procura de amizade em primeiro lugar que nos leva a ser *Swingers* e quem disser o contrário está-se a enganar a si próprio, porque para fazer amizades não era preciso ser-se *Swinger*. Tolerância deve ser palavra de ordem no meio Swing, Tolerância pela forma de estar de cada um Tolerância pela velocidade a que cada um quer andar Tolerância pelos gostos pessoais de cada um Tolerância pelas ideias de cada um. Não somos todos lindos de corpos bem feitos, mas todos temos os mesmos direitos, não podemos querer ser aceites por todos para Swingar se nos também não aceitamos todos, assim como não podemos esmorecer só porque é difícil por vezes conhecer casais em que a empatia surja logo, afinal ninguém é obrigado a dar-se com alguém por quem não sente empatia. É normal o aparecimento de grupos no meio Swing como na vida, todos nós temos aquelas pessoas com quem nos identificamos melhor e é normal que seja com essas que nos juntemos mais vezes, não sendo isso motivo para que não sejamos simpáticos para toda a gente mesmo não fazendo parte dos nossos gostos pessoais. Ninguém tem que se sentir excluído por isso, porque mais tarde ou mais cedo também terá o «seu» grupinho. Para a grande maioria dos casais *Swingers* felizmente a aparência física sendo a primeira impressão não é a decisiva, quantas vezes na primeira vista não gostamos do que vimos e passado pouco tempo existe uma grande empatia entre as pessoas, outras vezes ficamos impressionados com o físico e 10 minutos depois de conversa queremos fugir dali...Mas também temos que considerar como normal que casais haja que prefiram pessoas da sua faixa etária, do seu perfil físico, até do seu estatuto social...podemos condená-los por isto? Não, claro que não...Nesta comunidade existe para todos os gostos e feitios. Só temos que ter paciência para encontrarmos alguém ao nosso gosto. Não desejemos, façamo-nos desejados...Os clubes *Swingers* são um excelente ponto de encontro para convívio entre casais, cada um com suas regras, cada um á sua maneira com virtudes e defeitos, cabe a cada casal escolher o que é melhor para si. Mas não se pense que por ir a um clube *Swinger* forçosamente vai ter sexo, porque não é assim...existe convívio, brincadeira, sensualidade e erotismo, mas se nos sentamos num cantinho a espera que nos caia um casal do céu o mais certo é passar a noite a falar com o parceiro ou a olhar para ontem...temos que ser nos a enturmarmos, juntarmo-nos, fazer com que reparem em nós, enfim fazermo-nos desejados...e como podemos fazer isso? Metendo conversa com outros casais, nem que seja perguntando o nick, porque a grande maioria anda na net, ou perguntando se andam na net, se estarão interessados em vos conhecer, etc, tem tantas formas de meter conversa, lembrem-se que afinal todos estão ali pelos mesmos motivos, ou indo para a pista dançar juntando-se a todos os outros casais na pista e entrando na onda de sensualidade muitas vezes criada na pista de dança dos clubes... Claro que o ir o mais sensual possível para um clube ajuda e muito...Sempre com a velha máxima que nos

clubes nada é obrigatório e tudo é permitido desde que com o respeito que é devido a toda a gente... Não pensemos que os casais *Swingers* são todos boas pessoas, tem de tudo... os bons e os maus... os sinceros e frontais e os hipócritas e intrigistas, mas afinal a sociedade não é assim? Porque seriam diferentes os casais só porque em matéria de sexo são mais liberais... O truque aqui está em saber separar o trigo do joio... ninguém é santo e nem tem pretensões a sê-lo, o próprio autor destas linhas para uns pode ser adorado, mas será por outros odiado... é a lei da vida e temos que saber viver assim. Mas a experiência ao longo destes anos todos de Swing dá-nos uma certeza, todo o casal tem pelo menos outro com quem vai ter uma grande empatia... por isso caros amigos iniciantes no Swing, não esmoreçam nas primeiras tentativas, porque mais tarde ou mais cedo os vossos parceiros ideais vão aparecer e muitas vezes quando e de onde menos se espera. E não tomem aquilo que lêem num fórum de um qualquer site, guerrinhas, maledicências, azedumes, picardias como a prática corrente no meio Swing porque não é assim felizmente, muitos aproveitam para escrever e desabafar, ou porque num certo dia acordaram mal dispostos, ou porque se divertem nessas situações, mas no real, no convívio directo entre os *Swingers* não é nada disso que se passa, aí só vale o convívio, a educação, a brincadeira e o respeito por cada um... mesmo aqueles que não se podem ver, toleram-se em qualquer espaço Swing. Como é obvio também aparecem de vez em quando as ovelhas ranhosas, mas é a excepção que confirma a regra e conforme aparecem também depressa desaparecem... E pronto, esperamos ter contribuído para pelo menos ajudar um casal a dar os primeiros passos neste mundo... esta é a nossa visão pessoal do Swing em Portugal, que vale o que vale.”

“Porque é que as pessoas gostam do Swing?”

Porque é que as pessoas gostam do Swing? Aqui ficam algumas das razões apresentadas pelos “*Swingers*” a esta pergunta Variedade de parceiros(as) e experiências Prazer e excitação Aumento de vida social Observar os outros e aprender novas técnicas para a sua esposa e marido Perder as inibições sexuais Recapturar a sua própria juventude Sentir-se de novo capaz de ser atractivo(a) e desejado(a) Aumento da atracção e amor dentro do casamento Outras razões também apresentadas pelos *Swingers* É uma oportunidade de recriar o espírito, o sabor, a antecipação e excitação do primeiro encontro, de uma forma em que não afecta o casamento, e de exercitar a capacidade social que não exercitava há muito tempo. É da natureza humana o apreciar alguém até mesmo quando nota que outros se desejam mutuamente, que pode explicar o porquê dos “*Swingers*” se sentirem ainda mais atraídos pelo seu (sua) próprio(a) parceiro(a) É uma oportunidade de se vestir de uma forma “sexy”, ou nalguns casos, de ficar completamente nu(a). É uma oportunidade para as pessoas sexualmente abertas, sentirem-se em certos aspectos apreciadas, em vez de excluídas. É uma oportunidade de se socializar e fazer novos amigos entre

pessoas que se sentem confortáveis a falar de sexo abertamente. É por isto que gostamos de Swing. E começámos há 15 anos...”

“Para a mulher da minha vida

Conheci-te como um acaso da vida. Olhei os teus olhos castanhos e lindos e fiquei apaixonado. Mas o melhor estava para vir porque depois de muito tempo de sofrimento fiquei a saber o que era o verdadeiro amor, o que era gostar de alguém que retribuí-a esse amor sem pedir nada em troca. Passados 22 anos, o meu amor por ti está mais forte, e apesar da vida nem sempre ser fácil, a felicidade invadiu o meu ser. Só há uma maneira de retribuir tudo isso, que é fazer-te tão feliz como tu me fazes a mim. Por tudo isso só tenho de agradecer a felicidade que me dás por fazer parte da minha vida. Nunca mudes a tua maneira de ser.

Amo-te muito F

M”

“Parabéns xclub!!!

HIP! HIP! HURRA!!!

É com este grito que nos apetece começar este texto de tributo ao XCLUB, ao GRUPOX e aos casais que fizeram deste «monstro» aquilo que ele é hoje em dia (ou noite).

Realmente para quem começou há uns anitos, quando nem se pensava sequer em clubes e onde apenas havia uns anúncios nos jornais e apartados para troca de correspondência, que levava meses até à concretização de um encontro, sempre muito às escuras, era impensável nessa altura chegar ao ponto de ter um clube em Portugal (e não há muitos por essa Europa fora) que conseguisse juntar numa só noite (e já são várias nestes 2 anos de vida) mais de duas centenas de casais.

Casais de todas as classes sociais, de todas as idades, todos lindos à sua maneira e aos olhos de quem os vê, com um respeito enorme pelo outro, apenas procurando a diversão, o convívio, a alternativa...mesmo com bar aberto, e sabemos como o excesso de álcool às vezes pode ser factor destabilizador, foi uma noite ímpar, tudo dentro da normalidade a que estamos habituados nesta comunidade *Swinger* em Portugal.

Parabéns a todos os casais que frequentam o xclub ao longo destes dois anos, pois sem eles nada era possível; -Parabéns ao grupo x pela audácia da ideia e pela determinação sempre põem na procura do melhor para oferecerem a quem os visita; -Parabéns ao staff, porque são parte essencial deste projecto...e por último mas não menos importante, PARABÉNS aos que fizeram

parte do projecto e do staff, desde gerentes a porteiros, passando pelos barmans, mas que por uma razão ou por outra tiveram que o abandonar, mas não podem nem devem ser esquecidos.

Um obrigado pela fantástica noite e o desejo de muitos anos de vida e que nós vejamos, pelo menos enquanto ainda não for preciso usar a bengala para nos equilibrarmos!

PARABÉNS XCLUB!!!”

“A minha Deusa

A minha deusa é baixinha e cheíinha como a sardinha. Mas tudo nela é grande e ao mesmo tempo perfeito, do tamanho dos olhos ao do coração. Como todas as deusas, parece eternamente jovem e reina sobre tudo o que a rodeia sem sequer dar por isso. A minha casa e os nossos filhos respiram o oxigénio dela, um ar puro e adocicado como se dos belos dentes brancos se libertasse um hálito divino e dos olhos imensos caíssem fios de mel que suavizam todos os gestos. A voz é grave, serena e quente, própria dos seres que não são bem deste mundo. Nos dedos imensos e nas mãos grandes adormecem os filhos e o meu coração acalma-se, as cores descansam e às vezes a terra suspende a rotação.

A minha deusa é ainda mais bela por não saber que é uma deusa. Não sabe que todos os dias faz milagres na sua cozinha, não sabe o jeito que tem para ser mãe, não mede a generosidade com que trata os amigos e os filhos dos outros, não sonha o quanto as pessoas que gostam e precisam dela. Mas há deusas assim, que passam pela vida sem adivinhar o que são, como se fossem iguais às outras mulheres e que encolhem os ombros perante os seus defeitos, numa discrição congénita, quase tímida, quase infantil, desconhecendo o imenso poder que emanam.

A minha deusa é minha e leva dentro dela metade de mim. Será sempre bela na forma pura como se comove com a tristeza dos outros. Tem pena de ter só dois braços porque sabe que neles não cabe o mundo. Mas caibo lá eu, os nossos filhos e os amigos. Sem saber o que a faz levitar, circula pela casa como uma pássaro e o seu sangue corre nas minhas artérias. Não preciso de rezas nem de altar para a minha deusa, porque se senta todos os dias comigo à mesa e dormimos na mesma cama.

Quero tê-la ao meu lado para sempre, porque sei que nunca vai envelhecer, nunca me vai trair, nunca se vai esquecer de quem gosta dela e nunca vai deixar de ser a melhor cozinheira e a melhor mãe do mundo. Os homens são como os deuses, nascem e morrem nos braços de uma mulher e eu quero ficar com ela e ver o mundo mudar à volta dela enquanto o tempo passa sem lhe tocar, porque os deuses são eternos e mesmo que um dia tudo acabe, sei que tive a maior sorte do mundo, porque vivi na terra com uma deusa e poucos mortais têm tão rara e melhor sorte.”

“Monogamia, Poligamia ou Banalização do Swing...”

Desejos de variedade e de apimentar uma relação, são os principais motivos que levam os casais a praticar o Swing. Com o passar dos anos existe na grande maioria dos casais um decréscimo da intensidade do desejo e da frequência da actividade sexual. O Swing pode ser uma forma de reintroduzir alguma excitação numa relação que se tornou morna.

Noutros casais, a prática do Swing pode ser introduzida logo desde o início da relação, como opção de vida do casal, por exemplo, pelo gosto de variar de parceiros no contexto, apesar do compromisso afectivo para com o parceiro.

Existe uma falácia clássica na nossa cultura e que é a causa de muitos problemas relacionais: a de que amor e sexo são sinónimos ou que, pelo menos, deverão andar sempre associados. Não é verdade. Apesar de se ter uma relação estável, com amor, pode haver desejo sexual por outra pessoa.

Na sua origem, o ser humano é polígamo. Mas o modelo social vigente, muito influenciado pela moral judaico-cristã, é a monogamia. Foi uma imposição cultural e social que hoje em dia se tornou norma. No entanto, os *Swingers* não são polígamos, não se apaixonam nem mantêm relações com diferentes pessoas. O Swing acontece especificamente entre casais. Neste meio predomina o modelo heterossexual masculino e o modelo bissexual feminino. Podem permitir mulheres sozinhas, mas muito raramente, homens sozinhos. Geralmente é um meio muito homofóbico.

No contexto *Swinger*, aquilo que, feito às escondidas do parceiro poderia ser visto como traição, passa a ser não só permitido como incentivado e acordado entre ambos. O tradicional conceito de infidelidade prende-se com a quebra de confiança no parceiro. Na verdade, no caso do Swing essa confiança não é quebrada porque há um consentimento mútuo para o envolvimento sexual com outras pessoas, dentro de regras que são estabelecidas pelo casal.

Uma experiência deste tipo pode aumentar o desejo sexual pelo parceiro, aumentando a confiança e cimentando a relação. Quando se troca de casal, a pessoa sente-se desejada por outro que não o seu parceiro. Isso aumenta a auto-estima e a excitação. Mas é preciso que o casal esteja preparado. Ver o parceiro com outro pode ser perigoso. Se a relação já estiver fragilizada, não é o Swing que a vai salvar, podendo mesmo levar à ruptura.

A tendência é para que estes comportamentos sejam cada vez mais banalizados. A sociedade aprendeu a aceitar os homossexuais e os bissexuais e cada vez mais se questiona a ideia de "casal tradicional". Quem sabe se no futuro o *Swinger* se tornará a norma social? Sinceramente se isso acontecesse ainda no nosso tempo, o que não acreditamos, perder-se-ia uma boa parte da beleza do Swing para nós...a adrenalina de estar a fazer algo "proibido" pela sociedade hipócrita em que vivemos.

Esperemos bem que não. E esse é um dos motivos porque somos contra o Swing nos média.
Estamos a ser egoístas? É provável... mas não conseguimos ser hipócritas."

Anexo II- Guião da Entrevista

Guião da Entrevista Semi-Estruturada com Recurso ao Inquérito Apreciativo

Fase de Abertura

Este estudo é realizado no âmbito da minha Tese de Mestrado que tem como tema: A Relevância da Prática do Swing na Conjugalidade de um Casal.

Agradeço desde já a colaboração e garanto toda a confidencialidade. Não aparecerão nomes, nem nenhuma informação que vos possa identificar. Não existem respostas certas ou erradas, o que interessa é a vossa opinião e experiência. Peço apenas a maior sinceridade possível. Estejam à vontade se não quiserem responder a alguma questão, ou se tiverem alguma dúvida relativamente a alguma questão colocada.

Peço permissão para gravar a entrevista.

Recolha de informação sócio-demográfica como: nomes, idades, profissão, zona de habitação, estrato socioeconómico, anos de casamento, anos de Swing, agregado familiar...

Introdução ao Tema

- Ao olharem para trás como recordam o vosso casamento antes da prática do Swing?
- Quais eram as principais forças e recursos dessa relação? O que já corria bem?
- Que capacidades utilizavam para resolver as vossas dificuldades?
- O que valorizavam mais em vocês, no outro e na relação?

Entrada no Swing e Processo vivenciado e experienciado pelo Casal

- Como é que se depararam com a realidade do Swing?
- Quais foram as vossas principais expectativas, como indivíduo e como casal?
- Como caracterizam esse processo, essa passagem individualmente? E como casal?
- Que forças/recursos encontraram na vossa relação ao iniciar esse processo? Como é que o conseguiram?
 - O que acham que ainda falta ou pode acontecer?
 - Quais foram as maiores dificuldades com que se depararam enquanto casal? Como é que as conseguiram superar?
 - Com que dificuldades ainda se deparam? O que fazem para as superar?

A Relação do Casal no Presente

- E hoje, o que valoriza mais em si, no seu cônjuge e na sua relação?

-Inicialmente caracterizaram o vosso casamento antes da prática do Swing mencionando vários recursos e forças que já tinham na vossa relação. O quê que hoje está diferente?

- Como é que hoje olham e vivenciam a vossa relação?
- O que procuram hoje na vossa relação?
- Que papel e importância tem a prática do Swing na vossa relação?

Casamento Exclusivo Vs Casamento com prática de Swing

- Que forças e recursos consideram importantes num casamento?
- Considerando a vossa experiência, que diferenças e semelhanças acham que existe entre os casamentos exclusivos e os casamentos que praticam Swing?

Momento de descoberta

- Pensem numa altura, tendo em conta toda a vossa experiência enquanto casal, em que se tenham sentido mais vivos, mais excitados, mais realizados, mais entregues e mais felizes. Quais foram as forças e os factores que fizeram dessa experiência uma grande experiência?

Momento do Sonho

- Quais são as três expectativas mais importantes que têm para a vossa relação futuramente?

Momento de delineamento

- O que já têm feito para se aproximarem dessas expectativas?

Momento do Destino

- O que ainda é necessário fazerem para se aproximarem mais dessas expectativas?
- O que é necessário acontecer para as vossas expectativas serem vividas e vivenciadas?

Conclusão e Reflexão sobre a Entrevista

- Que perguntas/pontos teria sido útil para vocês terem sido falados aqui hoje e não foram abordados? Gostariam de comentar e desenvolver um pouco esses pontos?

- Que acham que seria útil acrescentar para uma maior compreensão da prática do Swing? E da vossa relação.

Anexo III- Protocolo de Apresentação

Lisboa, 15 de Maio de 2009-05-15

Exm. Sr/a.

Venho por este meio pedir a vossa colaboração na minha investigação da Tese de Mestrado, no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica Sistémica, realizado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, orientado pelo Professor Doutor Luís Miguel Neto.

Tenho como objectivo compreender a relevância da prática do Swing na conjugalidade de um casal. Deste modo, pretendo fazer um estudo de caso para tentar compreender o processo conjugal da passagem de um casamento exclusivo (*Sexually Exclusive Marriage*) para um casamento que pratica Swing e perceber o papel da prática do Swing na conjugalidade desse casal.

Assim, peço a colaboração de um casal que pratique Swing para uma entrevista Semi-Estruturada. Essa entrevista terá a duração aproximadamente de uma hora e meia.

É garantida a total confidencialidade e anonimato das pessoas, pelo que em nenhum momento vou referenciar na minha tese dados que possam levar à sua identificação.

Peço autorização para gravar a entrevista em áudio para que possa ter um acesso mais fidedigno à informação partilhada.

Com os melhores Cumprimentos,

Luís Miguel Neto
(O Professor Orientador)

Sónia Bértolo

Anexo IV- Transcrição da Entrevista

Fase de Abertura

E- Começamos por uma recolha de informação mais sócio-demográfica como: nomes

F- Casal Sintrense. (M acena com a cabeça, concordando com que a esposa diz)

E- Idades?

M- 47, 45. 47 ela e 45 eu.

E- Profissões?

M- Não é relevante.

E- Zona de habitação?

M- Sintra.

E- Estrato sócio-económico?

M- Não é relevante, mas médio.

E- Anos de casamento?

M- Fizemos agora 26 anos. (F sorri e olha para a entrevistadora acenando a cabeça.)

E- (Sorri) Anos de prática Swing?

M- Mais de 15 anos. (Sorri ao dizê-lo)

E- Agregado familiar?

F- Também acho que não interessa, quer dizer, temos filhos.... (acena a cabeça em sinal afirmativo e olha para o marido)

Introdução ao Tema:

E- Ao olharem para trás como recordam o vosso casamento antes da prática do Swing?

F- humm ...

M- A partir de uma certa altura, embora nós tenhamos tido sempre uma relação muito boa, a partir de uma certa altura, dos anos, o casamento começa a entrar numa certa monotonia. E como tanto ela, como eu, e como qualquer pessoa normal tem fantasias

F- Conversámos

M- Sim, conversámos e começámos a conversar. Naquela altura só mesmo conversar porque não havia informação. E começámos, a conversar e chegámos à conclusão que podíamos experimentar qualquer coisa diferente, sem termos de nos andar a enganar um ao outro. E pronto e avançamos! Pronto, o casamento antes, embora fosse uma relação boa, estável, a partir daquele momento tornou-se diferente. Mais cúmplice, mais confiança um no outro.

F- A relação fortaleceu.

M- A relação fortaleceu muito, como há mais confiança a relação fortalece mais e ... e basicamente é isso. Temos, como é que eu hei-de dizer, o amor que a gente sente um pelo outro começou como se a gente tivesse a começar a namorar

F- (Ri-se e acena com a cabeça de forma afirmativa)

M- Ainda hoje, apesar destes anos todos...

F- Parece que casámos há uma semana.

M- Embora tenhamos 26 anos de casados, parece que casamos a semana passada.

F- (Dá uma gargalhada)

M- Portanto, a relação é muito forte, torna-se uma relação muito forte, porque já havia uma relação forte. Porque se não houvesse uma relação estável e forte, como lhe disse, as coisas poderiam não funcionar da mesma maneira. Normalmente é o que acontece. Aliás para entrar nestas coisas tem que ser uma relação estável, tem que ser uma relação com muita cumplicidade, muita confiança entre o casal, porque senão for assim, se alguém tentar ir para o Swing para tentar salvar o casamento...

F- Não, enterra-o.

M- Mais depressa... mais depressa acaba com ele do que o salva. Porque isto mexe com sentimentos, não é? Mexe com coisas privadas, com aquilo que é nosso, não é? Se não houver uma grande confiança, as coisas começam... a cabeça começa a pensar certas coisas e... pode destruir um casamento, se o casamento não for...

F- Verdadeiramente sólido.

M- (acena afirmativamente para F)

E- Quais eram as principais forças e recursos dessa relação antes do Swing?

F- Nós não tínhamos forças, é assim, a nossa relação sempre foi uma relação muito sólida, nunca tínhamos, sempre falámos sobre tudo um com o outro. Só que é assim, tornava-se ao fim do dia, trabalho casa, filhos, trabalho casa, filhos, trabalho... Deixava de haver... Não é que nós não tivéssemos uma relação boa, fora ou na cama. Pronto, mas começou a ser, o dia-a-dia, de manhã à noite, trabalho, casa. Sempre aquela rotina. Pronto, mas nunca tivemos nada que, nós nunca tivemos uma briga, pronto, porque sempre temos, um diz uma coisa, o outro contradiz mas chegávamos sempre a um consenso. Nunca tivemos nada que se desse porque o casamento fosse mau ou, nada disso. Pura e simplesmente fortaleceu depois, mas nunca tivemos... o nosso casamento foi sempre muito sólido. (Ri-se)

E- O que já corria bem nessa relação?

M- Antes do Swing?

E- Sim. (acena a cabeça afirmativamente sorrindo para ambos)

M- Corria tudo bem... corria tudo bem, em termos de relação pessoa, em termos de relação sexual, corria tudo bem, não havia nada que corresse mal, poderia haver uma coisa ou outra que corresse mal de vez em quando mas é o dia-a-dia, a vida normal. A vida nem sempre corre bem. Mas em termos de relação pessoal e em termos de relação sexual corria tudo bem.

E- Que capacidades utilizavam para resolver as vossas dificuldades?

M- Capacidades? Depende das dificuldades.

F- Depende.

M- Dificuldades financeiras é trabalhar. (F Ri-se). Não há outra solução. Dificuldades de vivência pessoal, quer com filhos, quer nossa, é com muita conversa, falar de tudo um com o outro...

F- De tudo..,

M- E tentar chegar a um consenso, falar com os filhos, falarmos entre nós e tentarmos chegar a um consenso e a uma solução.

E- O que valorizam mais em vocês, como casal?

F- O nosso amor. (sorri para o marido)

M- Basicamente é o nosso amor, basicamente isso explica o resto.

E- E o que valorizam em cada um de vocês?

F- Eu tenho o melhor homem do mundo! E o melhor pai!

M- O que valorizo é a sinceridade e a honestidade, principalmente, a honestidade um para o outro e a sinceridade.

Entrada no Swing e Processo vivenciado e experienciado pelo Casal

E- Como é que se depararam com a realidade do Swing?

M- É assim, nós começámos numa altura complicada. Porque é assim, não havia Internet, não havia telemóveis, as coisas... nós começámos a imaginar isto, portanto, começámos em brincadeiras entre amigos. A gente ia para festas, para concertos e não sei quê, e ficávamos às vezes em tendas e em... pronto nos concertos... pronto aqueles grupos normais de amigos. E tivemos uma vez uma experiência com um amigo em que ele estava doente e nós fomos visitá-lo (F ri-se), e às tantas... e às tantas pronto, no meio da conversa... ele às tantas em brincadeira, insinuou que gostava que a gente fizesse alguma coisa, porque ele estava doente. E a gente fez uma brincadeira ali. E depois a partir dali...

F- Puxou!

M- Puxou mais a...

F- A curiosidade...

M- A curiosidade, falámos, começámos a falar mais ainda sobre o assunto e decidimos! Começámos a comprar os jornais, porque na altura era o único sítio onde se podia ver alguma coisa sobre o Swing

F- Jornal sexologia e ...

M- Na altura não se chamava Swing, era casais, casais trocas. Não se usava bem a palavra Swing e resolvemos abrir um apartado e metemos um anúncio nos jornais. E pronto depois era... só que depois como era um mundo muito restrito, muito secreto e em que não havia a facilidade de comunicar que há hoje, era complicado porque a gente metia um anúncio, respondia-nos uma carta, depois a gente respondia, depois vinha uma fotografia, mas nunca se sabia quem estava a falar do outro lado. E passavam-se meses, muitas vezes meses, a trocar-se correspondências muitas vezes sem chegar a lado nenhum. Acho que tivemos anos,

F- Sim

M- Nós tivemos muitos anos em que trocávamos muita correspondência, falávamos com muitos casais via carta, supostamente casais, mas só fomos duas ou três vezes beber café com alguns para conhecer e para conversar. E nessa altura passavam-se...

F- Anos

M- Às vezes anos em que não se tinha nada, porque era muito difícil encontrar um casal, portanto a realidade com que a gente se deparou era muito diferente daquela que é hoje em dia, hoje em dia um casal vai à internet o que não faltam são sites, o que não faltam são entrevistas nas rádios, nas televisões. Portanto, a informação é muito maior, há sites próprios para isso, que na altura quando a gente começou não havia, pelo menos nacionais, havia estrangeiros. Hoje uma pessoa vai à “net”, vai a um Site, inscreve-se no Site, começa a falar com um casal, tem o MSN, tem não sei o quê, portanto há muita mais facilidade. A realidade de hoje em dia é muito mais fácil, para nós foi mais difícil, foi um casal hoje, um casal para o ano, outro casal... e pronto foi assim que se foi construindo, ao fim ao cabo foi assim, foi assim que a gente viu o Swing também a nascer em Portugal, praticamente, embora tenha nascido muito antes, foi mais a partir dessa altura que se começou a desenvolver.

E- Falou há pouco num jornal Sexologia, havia um jornal específico?

F- Havia o jornal Sexologia.

M- Havia jornais de sexo, não havia jornais de Swing. Como disse, na altura não se falava em Swing, a palavra Swing não se ouvia. Mas havia o “Sexologia”, o “Sexos”, e havia outro que eu agora não me recordo do nome que era para anúncios, só para anúncios de sexo, tanto apareciam casais, como apareciam homens, como apareciam mulheres...

E- Como era conhecida a prática?

M- Era troca de casais, não aparecia a palavra, aparecia o anúncio

F- Procuramos casal

M- Procuramos casal para amizade e troca e não sei quê. (F ri-se) Não se falava em Swing. Não se falava em Swing. O nome “Swing” em Portugal começou a aparecer já com a Internet, praticamente.

E- Quais foram as vossas principais expectativas, como indivíduo e como casal?

M- As principais expectativas foi, primeiro tivemos receios... receios de que íamos encontrar, se nos íamos dar bem. Porque sabíamos, se entre nós estava tudo bem e que se há mínima coisa não resultasse acaba ali e pronto tudo bem. Os nossos, o receio era de quem íamos encontrar, se as pessoas eram como nós, se não eram, se só criam por brincadeira, se isto era... A expectativa era mais essa, saber quem íamos encontrar, conhecer pessoas com a nossa forma de pensar. Não se conhecia, a gente não chega a um café, não é? Não fala abertamente assim como... como... Portanto, a nossa expectativa era conhecer alguém que pensasse como nós, mesmo que não houvesse nada, para haver alguma coisa tem que haver empatia, as coisas não são chegar ali e conheceu e aconteceu, portanto tem que haver empatia, a expectativa era se realmente iríamos encontrar pessoas que pensassem como nós e com quem a gente se pudesse dar.

E- E em termos individuais, quais foram as suas principais expectativas?

M- Em termos individuais as principais expectativas, as minhas era dar largas às fantasias. Que o homem normalmente tem. O homem como animal masculino que é não se contenta só com uma fêmea, não é? É que é mesmo assim. E a expectativa era poder estar com outras mulheres sem ter que enganar a minha, ou sem ter que enganar por fora. E ao mesmo tempo poder vê-la à ela com outros homens, ali presente, porque para nós enquanto casal não é só o nosso prazer pessoal de ter sexo com outras pessoas, como é o prazer pessoal de ver o nosso parceiro a ter sexo com outras pessoas. Que é o mais importante para nós que até o nosso próprio prazer.

E- E para a F, quais foram as suas principais expectativas?

F- É a mesma coisa, do meu lado é precisamente igual. É estar com ele, estar com outro homem e sentir prazer e vê-lo ter também, sem haver aquela traição, sem haver nada.

E- E foi logo a principal expectativa que criou?

F- A principal, principal não. A minha principal, pronto, foi para já receios, sempre, e isso, nós mulheres temos muito mais. Pronto. Nós temos muitos mais receios do que o homem em sim, não é? E era conseguir estar com ele e dar largas aos nossos fetiches às nossas fantasias.

E- Como caracterizam esse processo, essa passagem tanto individualmente, como casal?

M- Como caracterizamos... Há medida que se vai avançado, vão se conhecendo muitas pessoas, vai-se criando amizades e vamos convivendo com pessoas e vamos ficando cada vez mais confiantes. Chega a uma altura em que a gente já conhece casais, temos confiança com aqueles, não temos necessidade de andar à procura de muitos mais casais. Nesses termos as coisas vão se tornando muito mais seguras e nós vamos ficando muito... muito mais à vontade. Em termos de evolução. Não sei, nós fomos criando uma imagem, no nosso caso pessoal, nós

fomos criando uma imagem, como casal, por nossa vontade mesmo, damos muito o corpo ao manifesto, como se costuma dizer. Abraçamos o Swing, para nós é um estilo de vida, não é só, é mesmo uma forma de estar. E abraçamos essa causa, com unhas e dentes, temos lutado por ela e temos feito muito por ela, em termos de divulgação, de Sites, de apoios a Clubes, portanto temos feito muito pelo Swing e temos uma forma de estar muito peculiar, portanto, temos, como hei de dizer, temos uma forma de estar no Swing que... Ajuda-me! (olhando para F.)

F- Pronto, eu, é assim, nós como casal praticamente somos como, um pilar, bem não é pilar. As pessoas vêm-nos como um suporte, mesmo os casais que nos conhecem, muitas vezes dizem, “você são únicos”, “você deixam as pessoas à vontade”, “Nós nos sentimos bem convosco”, percebe? Pronto!

M- Isto em termos pessoais, em termos de comunidade no global, nós estamos inseridos numa comunidade e temos que nos adaptar a ela e temos que conviver. Só que fomos nos adaptando ao longo dos tempos. Conforme a comunidade foi crescendo, nós também tivemos que nos ir adaptando.

F- Claro.

M- Foram abrindo Clubes, as coisas começaram a ser divulgadas, portanto nós tivemos que nos adaptar a viver, a começar a viver numa comunidade em que no início eram meia dúzia de casais, não é? Entre aspas. A viver numa comunidade que agora são alguns milhares. E portanto, nesses termos, dentro dessa comunidade, a gente faz por nos darmos com A e com B, de nos darmos com todos, não temos relações com todos, obviamente, mas tentamos dar-mo-nos com todos, tentamos construir alguma amizade, porque o Swing não é só sexo, não é? Embora seja um início de tudo, o sexo! Porque se não fosse o sexo, ninguém ia para o Swing, não valia a pena. Ficávamos em casa. Mas se a partir dessa ideia do sexo, se poder criar uma amizade com as pessoas, é o ideal, é isso que normalmente as pessoas procuram.

E- Que forças/recursos encontraram na vossa relação ao iniciarem o Swing?

M- Bom forças e recursos ao iniciar foi principalmente a grande confiança que a gente conseguiu e a estabilidade da nossa relação. Já tínhamos alguns anos de casados, sabíamos bem o que queríamos, estávamos muito bem um com outro, sexualmente, como eu já disse que estávamos, não nos faltava nada. Sempre fomos muito liberais, portanto foi isso, forças foi principalmente a estabilidade do nosso casamento.

E- Descobriram novas forças no vosso casamento, ou novas características em cada um de vocês?

F- Descobrir novas não, aumentámos! Mas descobrir não.

M- Fortalecemos. Descobrimos que éramos capazes, descobrimos, fortalecemos, que éramos capazes de falar de coisas que, e de fazer coisas que, antes do Swing não se fazia tão bem, não se falava tão abertamente.

E- O que acham que ainda falta, ou pode acontecer?

F- Todos os dias vai acontecendo...

M- Falta, eu não sei se pode acontecer, falta se calhar um dia os Clubes *Swingers*, como em Espanha, por exemplo, poderem abrir legalmente, em Portugal isso não é possível. Não existe lei para isso. Tem que haver um pouco de clandestinidade ou arranjar outras artimanhas para poderem ter portas abertas. Para mim o que falta é isso, principalmente, os clubes, principalmente, serem reconhecidos, legalmente, poderem abrir legalmente.

E- Quais foram as maiores dificuldades com que se depararam enquanto casal?

F- Maiores dificuldades... dificuldades... como a gente fala muito, a gente não tem dificuldades, entre nós não temos dificuldades, porque a gente conversa sobre tudo e resolvemo-las.

M- As maiores dificuldades aqui é conhecer as pessoas, porque se conhece pessoas de todos os feitios e de todos os estratos sociais, as maiores dificuldades às vezes passam por aí, conhecer as pessoas, conviver com as pessoas. Conseguimos conviver numa comunidade já com alguma expansão, conseguir conviver nessa comunidade a dar-mo-nos bem com o máximo possível, se não com todos, pelos menos com o máximo possível de pessoas.

E- Ainda se deparam com alguma dificuldade?

M- Não em termos pessoais não e em termos do Swing também não porque já temos o nosso cantinho, entre aspas, feito.

F- (dá uma gargalhada a olha para M)

M- Dificuldades não, as dificuldades normais, nada de especial. Em termos pessoais não temos dificuldade nenhuma, se já não tínhamos antes muito menos agora.

F- (Volta a rir-se, mudando de posição corporal, aproximando-se mais de M.)

M- Em termos daquelas que havia, de conhecermos as pessoas... da dificuldade que havia em conhecermos as pessoas, também já não passa por aí. Até porque desde que abriram os Clubes as coisas tornaram-se muito mais fáceis, porque a gente vai beber um copo, depois lá, estão lá centenas de casais, se não te dás bem com aquele, ou não vais com a cara daquele...

F- Falas com o outro...

M- Falas com o outro, portanto não tens dificuldades, neste momento não há dificuldades!

E- Percebem logo um com o outro se um está interessado e o outro não está?

F- Sim, já nem é preciso falar.

M- Já nem é preciso falar. (Dizem ao mesmo tempo). Ao fim de uns certos anos basta olhar um para o outro.

F- E a gente sabe se há empatia!

M- A confiança e empatia que a gente tem um com o outro, basta olhar um para o outro, para saber se um está interessado e outro não está.

F- (Ri-se)

M- Se houver um sinal de um ou de outro de que não está interessado, imediatamente as coisas acabam ali!

F- Aliás tem que ser mesmo com os dois.

M- Isto tem que ser sempre de comum acordo dos dois. Não pode ser, “à vais tu porque tu gostas, eu vou fazer o jeito”, não, aqui não há jeitos, aqui tem que ser de comum acordo para os dois. Se não dá para um, não dá para o outro!

E- Criaram esses acordos, essas regras, antes, durante, foram criando?

M- Não, foram-se criando

F- Regras

M- Claro que no início todos os casais têm algumas regras, lógico. No início criam-se algumas regras

F- “olha não gosto disto”, “olha não quero que faças aquilo”, ou..

M- Os casais normalmente começam, e nós também começámos assim, começam pelo Soft Swing, o chamado Soft Swing. Embora eu não goste muito dessa palavra... O Soft Swing é, há carícias, há troca de carícias entre os casais, mas não há troca de sexo, não há penetração. E normalmente os casais começam por aí. Depois, a partir daí é que se vai, com a convivência, com o cimentar da relação, da confiança, é que se vai para outras coisas. As regras vão se adaptando, conforme a altura, conforme a vivência que a gente vai tendo, portanto, as regras que nós temos, foi, algumas que ficam sempre para o casal, tem que ser, há aquelas coisas que são só nossas e que não fazemos com mais ninguém, mesmo só nossas. Pronto e depois há aquelas “regrasitas” normais que a gente olha um para o outro e... umas das regras principais é que se não dá para um, não dá para o outro. Essa é a regra básica!

F- E essa sempre foi!

M- Essa é a regra. Ou dá para os dois, ou então não!

A Relação no Presente

E- E Hoje, o que valorizam em vocês, no vosso cônjuge e na vossa relação?

F- Sempre valorizámos a nossa relação, desde o princípio!

M- O que valorizamos mais é a relação em si, tudo, toda a relação. Principalmente a honestidade e a confiança que a gente tem um no outro, isso é o principal!

F- E falamos de tudo um com o outro. Tudo!

E- Já achavam que essa honestidade e essa confiança existiam antes de praticarem Swing?

M- Já! Já! Já! Já existia, aliás, tinha que existir mesmo. Se não existisse nunca tínhamos chegado a ser *Swingers*. Era impossível! Se não houvesse confiança, então a gente ia sair com um casal, se não houvesse uma confiança absoluta um com o outro, a primeira coisa que a gente, quando chegássemos a casa íamos falar era “ouve lá, então mas tu fizeste aquilo e comigo não fazes?” Portanto, tem que haver uma confiança absoluta. Senão, não vale a pena.

F- Que é para não haver essas coisas...

M- Para não haver dúvidas. Para não haver aquelas coisinhas na cabeça.

E- E em relação ao ciúme, por exemplo? Não existe ciúme?

M- Não!

F- Não!

M- Não há ciúme, quando estamos numa relação! Obviamente que se nos amamos há ciúme, só tem ciúme quem ama, mas é um ciúme diferente. Por que é assim, quando nós estamos com um casal, tanto ela está com outro parceiro, como eu estou com outra, portanto estamos os dois em igualdade de circunstâncias, não existe ciúme, portanto, o prazer é para os dois. Existe o dar largas a uma fantasia, prazer carnal, simplesmente, só há prazer carnal ali, não há mais nada senão prazer sexual. Portanto, não pode haver ciúme ali, não tem que haver ciúme. Porque o melhor está sempre reservado para depois.

F- É... (dá uma gargalhada)

M- Depois quando estamos os dois, é quando vem a melhor parte, é sempre o melhor. A seguir a uma relação *Swinger* a gente tem, temos a nossa lua de mel (F Ri-se) é como se fosse a nossa lua de mel.

E- Inicialmente caracterizaram o vosso casamento antes da prática do Swing mencionando muita confiança e honestidade que já tinham na vossa relação. O quê que hoje está diferente?

M- Está diferente, para melhor! Reforçou.

F- Reforçou. Como falámos há bocado, reforçou. Não veio acrescentar, veio só reforçar mesmo!

E- E o que procuram mais na vossa relação, hoje?

M- Bom, neste momento já chegámos a uma fase que o que procuramos é chegar a velhinhos de bengala conforme estamos hoje.

F- (ri-se)

M- Estamos há 26 anos conforme estávamos no primeiro dia, agora queremos daqui a 26 anos estar como estamos hoje. É isso que procuramos, praticamente, é viver a vida e gozarmos o máximo possível. Enquanto podemos.

E- (Sorri) Que papel e importância tem, na vossa opinião, a prática do Swing na vossa relação?

F- A nossa vida é o Swing, a gente!

M- Não tem um papel muito importante, como eu disse, para nós é uma forma.

F- É uma forma de estar...

M- É um modo de vida...

F- É isso!

M- É importante porque foi uma forma de nós nos libertarmos, também, um bocado da vida familiar e dos filhos. Porque era só casa, filhos, trabalho, a nossa vida baseava-se nisso. A partir do momento que começamos no Swing e começámos a sair, começámos a ter alguma coisa onde nos pudéssemos... onde nos pudéssemos alhear um bocadinho da vida, da...

F- Da monotonia.

M- Da vida, da casa, dos filhos. Portanto, nesse aspecto é importante, porque nos distrai, nos ajuda a procurar outras coisas novas, a conhecer pessoas totalmente dispares, portanto, diferentes. E é uma forma de a gente se divertir, aos fins-de-semana, pronto, que é mesmo assim! Porque antes não saía para lado nenhum, antes do Swing não saíamos e agora não, é raro o fim-de-semana que a gente não saia.

F- Também porque tínhamos os filhos pequenos e os nossos filhos são tudo para nós.

M- Pois, porque os nossos filhos entretanto, já estão praticamente criados, portanto dá-nos outra liberdade, também.

E- Claro.

M- É importante por isso, é uma forma, é para onde a gente se vai divertir, é importante nesse aspecto.

Casamento Exclusivo Vs Casamento com prática de Swing

E- Que forças e recursos consideram importantes num casamento?

F- Forças e recursos... para mim cumplicidade.

M- Portanto para um casamento existir é o casal entre si dar-se bem, complementar-se, haver muita cumplicidade como ela diz, entre os dois.

F- Sem tabus!

M- Partilhar tudo. Não só a nível sexual, como, como a todos os níveis. Partilhar tudo. É construir uma vida familiar primeiro, viver para essa vida familiar e depois paralela à vida familiar ter a nossa vida pessoal a dois e levá-la a melhor possível, fazer o melhor possível.

F- Conciliar as duas.

M- Exacto, para que andemos por cá neste mundo o mais satisfeitos possíveis.

E- Considerando a vossa experiência, que diferenças e semelhanças acham que existe entre os casamentos exclusivos e os casamentos que praticam Swing?

M- Semelhanças tem a ver com tudo o que acabei de dizer, penso eu que todos os casais se constroem a partir dessa base, portanto com aquilo que acabei de dizer anteriormente. A diferença, a grande diferença do casamento exclusivo para o casamento *Swinger* é a maior cumplicidade na minha opinião, a maior cumplicidade entre o casal *Swinger*. Na maior confiança e no poder na base dessa cumplicidade e dessa confiança poder dar o azo a fantasias que existem, tanto de um lado como de outro e que num casamento exclusivo podem existir, que existem de certeza, porque toda a gente tem as suas fantasias, mas que não chegam a esse patamar de cumplicidade para avançar, para dar azos a essas fantasias.

F- Para mim, não há essa tal cumplicidade, não há, porque não conseguem falar sobre tudo, se calhar têm essas fantasias mas não conseguem falar sobre tudo. E um casal que entra no meio Swing fala sobre tudo, tudo mesmo! Fantasias, o quê que gostava, o quê que não gostava, o quê que foi, o quê que não foi. Enquanto há casais que se calhar que como não estão no meio Swing, se calhar têm essas fantasias, mas não conseguem falar, porque não existe...

M- Não há desconfianças, não há aquele bichinho quando ele chega mais tarde “o quê que ele andará a fazer?” ou quando ela, “o quê que ela anda a fazer?”, “porquê que não chega?” Portanto não há esse tipo de desconfianças entre um casal Swing porque...

F- Não há traição!

M- Não há traição. Não é preciso, não é necessário haver traição. Enquanto num casal exclusivo, se houver uma fantasia de uma das partes, se não houver conversa entre eles, portanto se não conseguirem atingir esse patamar de conversa, é provável que a traição aconteça mais facilmente. E depois acontecem os divórcios como se vê, cada vez aumenta mais. E felizmente nos casais *Swingers*, embora também aconteçam claro, porque não interessa só a parte sexual, também tem, mas não só. Embora aconteçam não acontecem tanto como num casal exclusivo.

E- Referiu que os casais *Swingers* falam mais sobre tudo, nota essa diferença de quando não eram um casal *Swinger*?

F- Sim.

M- Sim, bastante mesmo. Nós antes de sermos *Swingers*, por isso mesmo agora podemos dizer que um casal exclusivo funciona assim porque também...

F- Já passámos por isso!

M- Também o fomos. E nós antes de pensarmos em sermos *Swingers* havia mais ciúme, havia mais desconfiança, eu podia ter uma vontade de estar com outra pessoa, ou ela podia ter vontade de estar com outra pessoa, mas não falávamos. Eu podia ter uma fantasia de estar com duas mulheres por exemplo, mas tinha medo de lhe dizer, portanto, não sabia se lhe podia dizer, não sabia se podia avançar. Portanto, tem que se ir construindo, tem que se ir falando aos poucos e quando chega a altura em que sentimos, ou o conhecimento entre o casal que sentimos que se pode começar a falar, começasse a falar. Portanto, a partir do momento em que se começa a falar, a abertura depois é maior, e a partir do momento em que se entra numa coisa destas, depois já se pode falar de tudo, porque não há medos. Enquanto um casal exclusivo, as coisas são mais complicadas, porque se tem medo de falar. Por exemplo, eu a falar com ela. O nosso exemplo, eu a primeira vez que lhe falei no Swing

F- Chorei durante um mês.

M- A reacção dela foi “Já estás farto de mim!”.

F- (sorri) E chorava.

M- E chorava, portanto a reacção dela foi essa. Provavelmente se fosse ela a falar primeiro, normalmente nestas coisas, para ai 90%, agora já não tanto, mas no nosso tempo 90% das vezes é o homem que avança. Agora já não tanto, já vai havendo muita mulher.

F- Muitas mesmo!

M- Já tem havido muitas mais a falar primeiro, mas na altura em que a gente começou era 90% ou mais, era o homem. E portanto era complicado eu chegar-me ao pé dela e dizer olha o quê que achas, como aconteceu, o quê que achas de a gente avançar com isto assim e assim. E ela, a reacção dela, como era de quase todas as mulheres, era “já estás farto de mim”, “estás farto de mim”, “já não me queres”, “queres outras”.

F- “Tu queres é estar com outras mulheres”, era o que eu lhe dizia “e a mim não me queres”. E depois comecei eu própria a ver que, que não, eu própria reflecti e disse “não, é impossível, porque se ele me está a querer levar COM ele, não me quer trair e sim eu estar presente” e pronto e depois começámos a conversar e a conversar sobre isso e a investigar e, não sei quê, e a ir a jornais e, e foi aí que a gente depois avançou.

E- E nessa altura decidiu ir porque o M demonstrou essa vontade ou a F também começou a ter essa vontade?

F- Não, é assim. Tudo aquilo que ele falou, se calhar eu também tinha as minhas fantasias e se calhar também não as queria falar com ele, porque se calhar sou mulher, e a mulher é mais retraída. Pronto, e depois de ele me falar, e de a gente falar muito, de a gente conversar mesmo muito, eu fui abrindo e fui investigando com ele, e fui falando e fomos investigando. Até que eu

vi que afinal não era porque ele estivesse farto de mim, era pura e simplesmente porque ele tinha fantasias, como eu as tinha e não conseguia falar, ele adiantou-se. E se calhar foi isso, foi ele ao adiantar-se que me retraiu. Mas com o continuar, afinal eu também tinha essas fantasias e não as falava.

Momento de descoberta

E - Pensem numa altura tendo em conta toda a vossa experiência enquanto casal em que se tenham sentido mais vivos, mais excitados, mais realizados, mais entregues e mais felizes.

F- A nossa primeira experiência!

M- Sim, normalmente isso acontece na primeira experiência. Quando a gente tem uma primeira experiência a sério

F- E que é boa!

M- E que tudo acontece e que as coisas correm...

F- Bem! (sorri)

M- E que as coisas correm bem, relativamente bem. O outro dia é fantástico!

F- É!

M-É como se a gente tivesse voltado ao primeiro dia de namoro.

E- Eu acho que ainda é melhor. É melhor! Eu acho que nesse dia parecia que eu tinha tomado, sei lá, um comprimido qualquer e sempre que a gente se tocava, sempre que a gente se encontrava tínhamos que fazer amor. (ri-se)

E- Quais foram as forças e os factores que fizeram dessa experiência uma grande experiência?

F- Eu acho que fomos nós os dois. O estarmos sempre juntos, sempre unidos e a nossa cabeça ser uma só, depois de a gente ter conversado e falado, nós passamos a ser um só, dois, mas um só.

M- É isso!

Momento do Sonho

E - Quais são as três expectativas mais importantes que têm para a vossa relação futuramente?

F- Expectativas em termos de Swing é continuar como até aqui, se for possível fortalecer as amizades que fomos construindo ao longo destes anos, é as amizades que fomos construindo e é fortalecer essas amizades e continuar a conhecer pessoas e continuar a respeitar o meio. Só o facto de frequentarmos o meio, embora para nós é, mesmo que não haja qualquer tipo de experiências sexuais, às vezes passa-se que não... não... pronto, embora saíamos quase todos os

fins-de-semana, para os Clubs, às vezes passam-se meses sem termos uma experiência de sexo. Mas só o facto de poder frequentar o Club, poder conviver...

F- Com os nossos amigos....

M- Com os nossos amigos, da maneira como a gente convive, que é diferente do convívio convencional. É mais aberto, mais espontâneo, muito mais cumplicidade entre as pessoas.

E- E brincamos de todas as maneiras.

M- As brincadeiras... (sorri)

E- E brincamos de todas as maneiras, não quer dizer que seja só sexo.

M- Portanto, a expectativa é podermos continuar nesse caminho e pronto, enquanto a gente poder cá estar.

Momento de delineamento

E- O que já têm feito para se aproximarem dessas expectativas?

M- O que temos feito é, sempre que possível, juntar os amigos, frequentar os Clubs, conviver com os amigos e pronto deixar as coisas acontecerem.

Momento do Destino

O que ainda é necessário fazerem para se aproximarem mais dessas expectativas? O que é necessário acontecer para as vossas expectativas serem vividas e vivenciadas?

M- Vão sendo.

E- É o dia-a-dia mesmo.

Conclusão e Reflexão sobre a Entrevista

E- Que perguntas/pontos teria sido útil para vocês terem sido falados aqui hoje e não foram abordados?

M- Em termos de Swing, hummm... como isto é a vivência entre o casal parece-me que ficou tudo dito. Nesse aspecto, em relação à nossa relação e à nossa experiência como casal *Swinger*, penso que foi tudo dito, mais ou menos tudo dito. Não estou a ver nada assim que tenha ficado por falar. Podia se ter eventualmente falado do meio em si, do que existe do que não existe, Clubs, mas em termos de casal penso que está tudo dito.

E- Que acham que seria útil acrescentar para uma maior compreensão da vossa relação?

F- Eu acho que nada. Já o referimos, nós compreendemos um ao outro, não é preciso falarmos, não é preciso gestos, nada, basta nós olharmo-nos.